



Seminário Estéticas das Periferias

Educação e Cultura: uma relação que se efetiva no território



EDITORA **SOCIOLOGIA E POLÍTICA**



Seminário Estéticas das Periferias

Educação e Cultura: uma relação que se efetiva no território



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

306.432
S471

Seminário Estéticas das Periferias : Educação e Cultura : uma relação que se efetiva no território / Antônio Eleilson Leite [e outras 8]. – São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2022. 80 páginas : ilustrações, grafites coloridos ; 21x30 cm.

Evento homônimo realizado em cooperação com a Ação Educativa, SESC e ESP no segundo semestre de 2021.
ISBN: 978-65-86612-06-6 (brochura).

1. Educação. 2. Cultura. 3. Periferias. 4. Conhecimento periférico. 5. Arte periférica. 6. Produção cultural. I. Leite, Antônio Eleilson. II. Ferreira, Eliana Asche Cintra. III. Macedo, Renata Mourão. IV. Torres, Sócrates Magno. V. Luchini, Daniel Laerte Segetti. VI. Valls, Valéria. VII. Frois, Marília Santini. VIII. Loschi, Flávia Ayres. IX. Tateishi, Jorge. X. Escola de Sociologia e Política de São Paulo. XI. Ação Educativa (organização).

CDD 23. Escola e sociedade: relações culturais 306.432
Bibliotecário Éderson Ferreira Crispim CRB-8/9724

Ilustração digital da capa de Bete Nobrega.

Direitos reservados à
Editora Sociologia e Política
Rua General Jardim, 522 - Vila Buarque
01223-010 - São Paulo - SP - Brasil
Tel. Fax: 0 55 (11) 3123 7800

www.fespsp.org.br

Printed in Brazil 2022
Foi feito depósito legal



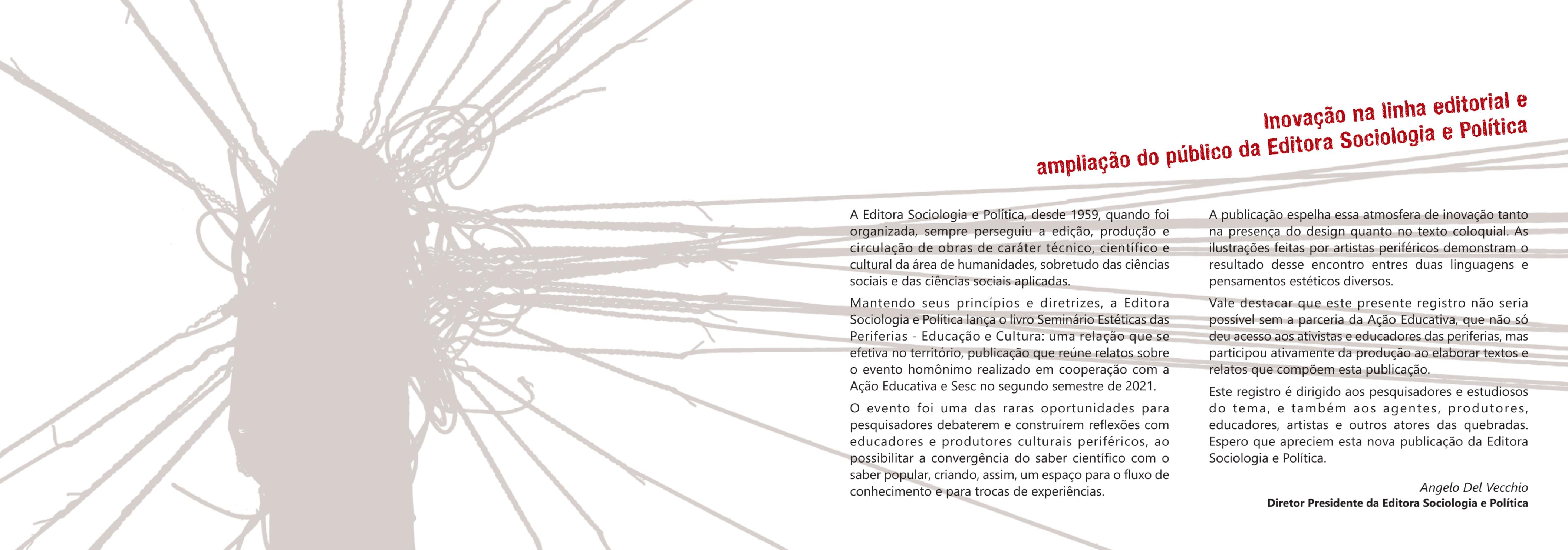
Seminário Estéticas das Periferias

Educação e Cultura: uma relação que se efetiva no território

Antônio Eleilson Leite, Eliana Asche Cintra Ferreira, Renata Mourão Macedo,
Sócrates Magno Torres, Daniel Laerte Segetti Luchini, Valéria Valls, Marília Santini Frois,
Flávia Ayres Loschi e Jorge Tateishi



EDITORA **SOCILOGIA E POLÍTICA**



Inovação na linha editorial e ampliação do público da Editora Sociologia e Política

A Editora Sociologia e Política, desde 1959, quando foi organizada, sempre perseguiu a edição, produção e circulação de obras de caráter técnico, científico e cultural da área de humanidades, sobretudo das ciências sociais e das ciências sociais aplicadas.

Mantendo seus princípios e diretrizes, a Editora Sociologia e Política lança o livro *Seminário Estéticas das Periferias - Educação e Cultura: uma relação que se efetiva no território*, publicação que reúne relatos sobre o evento homônimo realizado em cooperação com a Ação Educativa e Sesc no segundo semestre de 2021.

O evento foi uma das raras oportunidades para pesquisadores debaterem e construir reflexões com educadores e produtores culturais periféricos, ao possibilitar a convergência do saber científico com o saber popular, criando, assim, um espaço para o fluxo de conhecimento e para trocas de experiências.

A publicação espelha essa atmosfera de inovação tanto na presença do design quanto no texto coloquial. As ilustrações feitas por artistas periféricos demonstram o resultado desse encontro entre duas linguagens e pensamentos estéticos diversos.

Vale destacar que este presente registro não seria possível sem a parceria da Ação Educativa, que não só deu acesso aos ativistas e educadores das periferias, mas participou ativamente da produção ao elaborar textos e relatos que compõem esta publicação.

Este registro é dirigido aos pesquisadores e estudiosos do tema, e também aos agentes, produtores, educadores, artistas e outros atores das quebradas. Espero que apreciem esta nova publicação da Editora Sociologia e Política.

Angelo Del Vecchio
Diretor Presidente da Editora Sociologia e Política

Índice

8 Apresentação

12 A Convergência da Academia com a Periferia

16 É tudo nosso!
Pedagogias do Sarau e Slam
MESA 1

Mediação: Renata Mourão Macedo
Convidados: Rodrigo Ciríaco e Cristina Assunção

26 Universidades Livres nas periferias
MESA 2

Mediação: Sócrates Magno Torres
Convidados: Valquíria Cândido, Kim Alecrim e Regina Celia Bortoto

34 Aqui era tudo mato: Memória e Museologia Social nas periferias
MESA 3

Mediação: Valéria Valls
Convidados: Claudia Rose Ribeiro da Silva, Fernando Filho e João Pedro Rodrigues

42 A leitura do mundo e a leitura da palavra: Bibliotecas Comunitárias como espaços educativos
MESA 4

Mediação: José Castilho Marques Neto
Convidados: Angela Aparecida Ferreira e Geraldo Moreira Prado

50 Escola como espaço cultural
MESA 5

Mediação: Ivan Russeff
Convidados: Maria Vilani e Cacau Ras

60 “Eu odeio explicar gíria”: sintaxe periférica e a norma culta
MESA 6

Mediação: Eliana Asche
Convidados: Marcos Araújo Bagno e Ferréz

68 Créditos

Apresentação

A conexão da academia com o ativismo cultural

Na mesma trilha do Projeto Repertório das Quebradas desenvolvido no âmbito da graduação, também no ano de 2021, a Sociologia e Política – Escola de Humanidades, em parceria com a Ação Educativa e o Sesc (Serviço Social do Comércio), realizou o seminário Estéticas das Periferias – Educação e Cultura: uma relação que se efetiva no território. Essa iniciativa integrou a programação do Encontro Estéticas das Periferias (promovido pela Ação Educativa) daquele ano e foi realizada de modo virtual pela plataforma da Unidade Pinheiros do Sesc¹. Toda a curadoria do ciclo de debates foi feita de modo coletivo nas reuniões do Espaço Cultural da Sociologia e Política, cuja programação se dá em colaboração com a Ação Educativa.

Acrescentam-se, às duas ações citadas, outras quatro, que são: a) Literatura Espalhada; b) Sarau Bodega do Brasil; c) Feira do Livro Periférico; e d) Vila Buarque Solidária. Ou seja, a parceria entre a

Sociologia e Política – Escola de Humanidades e a Ação Educativa é fecunda e incide em várias frentes. Dessa forma, acreditamos que cumprimos nossa visão de atuar no território, seja em parceria bilateral, como a que estamos anunciando nesta publicação, ou em rede com as organizações culturais do bairro da Vila Buarque. Além disso, exercitamos de modo criativo a conexão entre os estudos acadêmicos e o abundante, porém pouco sistematizado, conhecimento produzido pelo ativismo cultural.

Objetivo do ciclo

Inspirado pelo centenário de Paulo Freire, o ciclo de debates discutiu a relação entre educação e cultura. Essa conexão não ocorre nas bases curriculares. Tampouco se realiza nos parâmetros das leis de diretrizes da educação. Cultura e educação encontram um campo fecundo de intersecção nos territórios das periferias urbanas onde experiências como bairro educador, circuitos culturais escolares, bibliotecas comunitárias, museologia social, entre outras, foram tema das seis mesas realizadas. Pretendemos com esse debate recuperar a concepção freiriana segundo

a qual a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e com isso valorizar o conhecimento popular e a sintaxe própria da quebrada e suas estéticas. O processo de alfabetização proposto por Paulo Freire se baseava em círculos de cultura acentuando a associação da educação com a cultura, uma relação potente, necessária, mas não desprovida de tensões e conflitos entre o formal e o informal, o erudito e o popular, o conhecimento ancestral e a ciência.

Temas abordados

Buscamos contemplar uma diversidade de abordagens que implicam uma relação educação e cultura, desde as mais evidentes e já estudadas na Academia, como os saraus e slams, cujo objeto da manifestação cultural é a literatura, até a museologia social e as recentes experiências de universidades livres. Desse modo, acreditamos que foi possível dar um panorama bem amplo e diverso das inúmeras conexões entre cultura e educação, sempre na chave do território. A composição das mesas deu protagonismo aos agentes culturais que estão nas periferias desenvolvendo suas ações, enquanto a mediação ficou sempre a cargo de um representante da Sociologia e Política.

É tudo nosso! Pedagogia dos Saraus e Slams

A proliferação de saraus nas periferias de São Paulo, que ocorre há vinte anos, ativou inúmeros processos, entre os quais o incentivo à leitura, o exercício da escrita, a publicação de livros e a criação de editoras. Os escritores e escritoras formados nos recitais adentraram as escolas com seus livros e performances poéticas, estimulando o surgimento de saraus dentro das unidades escolares e renovando o ensino de literatura na rede pública. Assim foi com o Sarau Mesquiteiros, que há mais de dez anos agita uma escola na zona leste. Mais recentemente, o Slam da Guilhermina espalhou a batalha de poesia em mais de cem escolas da cidade num circuito chamado Slam Interescolar. A influência de tais iniciativas no currículo escolar, metodologias criadas para mobilizar o interesse e a participação dos estudantes, o potencial da literatura para interseccionar cultura e educação foram algumas das questões tratadas no debate.

1. <https://www.youtube.com/watch?v=cWUk4GIM9Bk>

Universidades Livres nas periferias

Nas últimas décadas houve um maior acesso à universidade por parte de jovens das periferias devido a políticas como cotas raciais, Prouni, e pela ampliação de campi universitários, inclusive nas periferias, como os campi da USP (Universidade de São Paulo) em Ermelino Matarazzo e da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) em Itaquera e no Bairro dos Pimentas, em Guarulhos. Mais recentemente a própria periferia tem criado seus projetos de universidades livres e autônomas, radicalizando a concepção freiriana de produção horizontal e compartilhada de conhecimentos por meio de círculos dialógicos de prática – teoria – prática. A mesa apresentou relato de duas experiências (UniGraja e Universidade Livre de Perus), enfatizando a produção metodológica e os desafios da institucionalização, entre outras questões.

Aqui era tudo mato: Memória e Museologia Social nas periferias

No momento em que monumentos históricos são alvo de contestação, esta mesa pretendeu discutir experiências de construção da memória social feita pelos próprios moradores do território objeto da

preservação. O Museu da Maré, que fica na zona norte do Rio de Janeiro e está comemorando quinze anos de existência, busca preservar a história e memória das dezesseis favelas que compõem o Complexo da Maré, onde vivem cerca de 140 mil pessoas. O CPDOC Guaianás, na zona leste de São Paulo, também visa a construção popular de um museu de caráter público para salvaguardar as memórias da classe trabalhadora local. São experiências de museologia social que inovam o campo dos estudos de patrimônio histórico cultural, além de atribuir aos moradores a narrativa sobre sua própria memória. Por meio de tais experiências, foi possível discutir questões como: identidades coletivas, pertencimento cultural, direito à memória, história das periferias urbanas e a própria noção de monumentos como patrimônio.

A leitura do mundo e a leitura da palavra: Bibliotecas Comunitárias como espaços educativos

As bibliotecas comunitárias são espaços informais de aprendizagem e, por meio da literatura, ampliam o repertório de crianças e jovens. Geridas pela própria comunidade, trazem em si conexões com a realidade local. Enquanto as bibliotecas escolares

ainda são, em sua maioria, formais e frias, as bibliotecas comunitárias democratizam o acesso ao livro, incentivam à leitura e promovem diálogo com outras manifestações culturais.

É da falta de acesso a equipamentos públicos que nascem essas iniciativas. Não à toa, a maioria das bibliotecas comunitárias do Brasil se concentra nas áreas periféricas das cidades. Surgem por iniciativa de moradores ou entidades e muitas vezes são o único (às vezes o primeiro) espaço cultural existente.

A mesa abordou questões como o papel da biblioteca comunitária na formação de leitores; a forma como as bibliotecas comunitárias reorganizam as relações sociais da comunidade; o que difere a biblioteca comunitária da biblioteca escolar; o modo como as bibliotecas comunitárias dialogam com as outras iniciativas culturais da comunidade.

Escola como espaço cultural

No centenário de Paulo Freire vale a lembrança de que a escola é ao mesmo tempo um espaço conservador e transformador. As experiências das escolas transformadoras têm conseguido aproximação com as suas comunidades, e mesmo as escolas conservadoras podem trazer experiências transformadoras a partir de iniciativas individuais que abrem possibilidades para os estudantes.

Como esses espaços se formam nas escolas conservadoras? O quanto esses alunos influenciam na abertura de novas possibilidades de ação comunitária? Qual é o papel da arte e das expressões culturais nesses espaços?

“Eu odeio explicar gíria”: sintaxe periférica e a norma culta

Há alguns anos tem sido objeto de debate o confronto entre a produção literária considerada clássica e as produções literárias marginais ou periféricas. Esse confronto precisa ganhar mais substância, a partir da compreensão de que a linguagem não se realiza no plano das formalidades gramaticais, mas na sua execução cotidiana. Essa mesa possibilitou uma conversa entre a gramaticabilidade e a função poética da linguagem. Para tanto, foram abordadas as questões relativas à construção do fazer poético fora das normas gramaticais. O que significa o preconceito linguístico traduzido para a produção poética periférica? O que incomoda o mundo letrado? A linguagem ou o conteúdo que ela traz? Que marcas a linguagem das periferias expressa? Tais foram algumas das questões tratadas.



A Convergência da Academia com a Periferia

A conjuntura política, sanitária e econômica negativa, não só brasileira, mas planetária, tem empurrado multidões para a borda da sociedade, tornando o fosso da desigualdade cada vez mais profundo.

Não há ação sem reação, portanto esses estratos excluídos econômica e culturalmente nas periferias constituíram estéticas próprias, adequadas às suas necessidades e histórias, vocalizando e repercutindo para o restante da sociedade, o que propiciou encontros do conhecimento formal com os saberes e práticas culturais populares, como o que ocorreu no Seminário Estéticas das Periferias – Educação e Cultura: uma relação que se efetiva no território, em 2021. A seguir, conheçam como a academia e as quebradas se entrelaçaram em uma prática pedagógica na Sociologia e Política.

Repertório das Quebradas

A língua é um instrumento definitivo para a comunicação humana e só existe em sociedade. É por meio dela que se preservam os costumes, hábitos e características de um grupo e de uma época. Exagerando a simplificação, podemos afirmar que, além de preservação, a língua é também elemento de modificação dessa mesma cultura. É importante reconhecer a necessidade de estudar a língua como reflexo e refração das manifestações, das variedades linguísticas das organizações sociais de um povo, uma vez que estas são importantes, revelam a história de um grupo social e a história particular de cada comunidade. Há uma espécie de tradição, na formalização analítica da literatura, que exclui, sumariamente, aquela linguagem considerada popular, descuidada ou ofensiva. Gregório de Matos Guerra, no século XVII, descrevia, em seus poemas satíricos as condições a que se submetia a sociedade local:

De dois ff se compõe
esta cidade a meu ver:
um furta, o outro de foder.

A poesia satírica de Gregório de Matos ficou excluída do cânone literário até a segunda metade do século XX. Assim acontece no século XXI, que deixa fora das escolas e das universidades os autores que, por produzirem suas obras à margem da

sociedade considerada culta e letrada, são relegados a meros exemplos ou discussão de formatos alternativos de produção artística.

Há, nos dias de hoje, fortes indícios de que esses autores se aproximam cada vez mais dos estudos acadêmicos; no entanto, os professores de língua e literatura, mesmo os que preconizam a incorporação dos jargões populares em seus estudos, afastam-se dessas manifestações quando estão em sala de aula.

Os professores universitários de língua e literatura encontram sempre uma dificuldade em aproximar o jargão acadêmico do jargão falado e registrado nas produções literárias das periferias das grandes cidades. No entanto, com o ingresso cada vez maior dos alunos oriundos das classes sociais populares ao ensino superior, essa operação de fazer casar os dois jargões fica cada vez mais necessária.

Um formato de ensino superior que tente aproximar a linguagem acadêmica à língua das ruas talvez encontre uma boa solução na incorporação da hoje farta literatura considerada marginal ou periférica. Desconhecem, na prática diária, o crescimento importante desse forte movimento cultural, expresso pelos saraus, pela presença cada vez mais forte das pequenas editoras, que, à falta de distribuição formal, responsabilizam-se pela divulgação de autores como Ferréz, Sergio Vaz, Glauco Mattoso e outros.

Neste sentido, a Sociologia e Política de São Paulo promoveu com os ingressantes de 2021 aos cursos de Sociologia e Biblioteconomia uma atividade de trabalho e pesquisa denominada Repertório das Quebradas, em que a leitura de autores considerados marginais desse origem a um trabalho acadêmico que aproximasse a rua das escolas e a escola das ruas.

Um primeiro passo foi o de articular o trabalho acadêmico ao trabalho de incentivo às produções populares, já desenvolvido pela ONG Ação Educativa.

O conceito do projeto foi o de realizar uma pesquisa e registro de vocabulário e expressões utilizados pela população jovem das periferias e regiões de vulnerabilidade social a fim de criar um repositório de termos populares. O intuito era o de apropriação, debate e reflexão sobre a dinâmica da linguagem em segmentos desprivilegiados e a desigualdade na sociedade.

O objetivo geral era constituir acervo linguístico para pesquisa, estudo e reflexão acadêmica acerca de um segmento social que fica à margem nas conurbações urbanas, distante do conhecimento oficial e padrão, mas que cria sua própria expressão cultural e forma de interpretar poeticamente o mundo. Esse acervo, quando finalizado, representou uma das primeiras iniciativas

relevantes de escuta, pela academia, dessa parte da população tão negligenciada.

O conteúdo desse acervo está sendo utilizado como objeto de estudos antropológicos, sociológicos ou políticos e a organização desse conteúdo poderá ser objeto de avaliação e ordenamento pela área de biblioteconomia e ciência da informação.

O material resultante da pesquisa poderá criar oportunidades para estudantes de administração refletirem e participarem dos processos de gestão do acervo.

Os efeitos para os alunos ingressantes foram de duas naturezas: a primeira, afetiva, com o reconhecimento e o respeito pela sua cultura e sua linguagem; a segunda, de caráter pedagógico, que os levou a refletir e traduzir essa linguagem e os valores como objetos do conhecimento formal, ampliando, sem diminuir, seus saberes de origem.

Destacaram-se deste projeto também os objetivos institucionais desenvolvidos, que correspondem à construção de um acervo que, além de ser uma ação didático-pedagógica, foi usado como ferramenta de aproximação e relacionamento com organizações que trabalham a temática periferia e o público desses locais, como, por exemplo, Ação Educativa, Cooperativa de Teatro, entre outros.



Mesa 1



Renata Mourão Macedo

MEDIAÇÃO

Doutora em Ciências Sociais e professora colaboradora da FESPSP.

Rodrigo Ciríaco

CONVIDADO

Escritor, educador e membro fundador do Sarau dos Mesquiteiros.

Cristina Assunção

CONVIDADA

Slammaster, produtora e membro fundadora do Slam da Guilhermina.

Introdução

O debate sobre como trazer literatura e poesia para o cotidiano de estudantes do ensino básico público há muito provoca educadoras e educadores. Desde as análises de Pierre Bourdieu sobre cultura e desigualdades educacionais¹, sabemos que é desafiador inserir o manejo criativo da linguagem no cotidiano escolar, de modo que não se constitua como um “privilegio cultural” restrito aos “herdeiros” dos capitais culturais e econômicos (Bourdieu, 2015, p. 62). Se tal desafio está posto em contextos educacionais muito diversos, nas periferias da cidade de São Paulo a temática se insere em territórios amplamente marcados por desigualdades de classe, raciais e de gênero. Entretanto, tais territórios viram surgir nas últimas décadas a consolidação de uma “consciência periférica”, especialmente ligada a uma diversificação de atividades culturais². Conforme pontua Tiaraju D’Andrea, são “saraus, slams, cineclubes, posses de hip-hop, comunidades do

samba, grupos teatrais, grupos de dança, literatura marginal, entre outras manifestações”. Segundo D’Andrea, “esse amplo movimento cultural foi o mais importante difusor de uma *consciência periférica*, ao afirmar o pertencimento e denunciar as condições de vida” (2020, p. 33).

Inserido nessa cena cultural periférica mais ampla, este texto traz uma síntese do debate realizado na mesa “É tudo nosso! Pedagogias do Sarau e Slam”, realizada no âmbito do Seminário Estéticas das Periferias – Educação e Cultura: uma relação que se efetiva no território. O objetivo da mesa foi dar visibilidade a duas experiências concretas de realização de slams e saraus entre estudantes do ensino básico público na cidade de São Paulo.

Para dar visibilidade a tais experiências, a mesa contou com a participação de Cristina Assunção³ – professora de história, membro fundadora do Slam da Guilhermina e criadora do Slam Interescolar de São Paulo – e de Rodrigo Ciríaco⁴ – educador, escritor e participante dos

1. O sociólogo francês Pierre Bourdieu, entre os anos 1960 e o início dos anos 2000, realizou importantes pesquisas na área de sociologia da educação, demonstrando a correlação entre privilégios sociais e privilégios culturais, o que levaria o sistema educacional a sancionar desigualdades sociais mais amplas (Bourdieu, 2015).

2. Sobre o contexto mais amplo de movimentação cultural nas periferias de São Paulo, conferir Nascimento (2012), Neves (2017), Araújo (2018) e Macedo (2021), entre outras importantes pesquisas recentes sobre a temática.

3. Apresentação completa de Cristina Assunção: “Mãe, atriz, slammaster, professora de história e moradora da Cohab I. Desde 2006, atua na área de audiovisual, produção cultural e teatro. Em 2011, dirigiu o documentário Jardim Samara: História e Identidade e escreveu o livro homônimo que retrata a história do bairro. É membro do coletivo

de trabalhadores da cultura Dolores Boca Aberta Mecatrônica de Artes desde 2013. É membro fundadora do Slam da Guilhermina desde 2012, e em 2015 passou a atuar como Slammaster do evento. Criadora do Slam Interescolar de São Paulo, também faz outras produções, integra orgulhosamente a equipe da Caminhada Luiz Gama (Luiz Gama em 3 Atos), que acontece todo dia 24 de agosto em homenagem a esse verdadeiro herói do povo brasileiro”.

4. Apresentação completa de Rodrigo Ciríaco: “É educador e escritor, autor de quatro livros, entre eles Te Pego Lá Fora e Vendo Pó...esia. Tem trabalhos traduzidos e publicados em francês, inglês, espanhol e alemão. Participa há quase quinze anos dos movimentos de Saraus das periferias. É idealizador da casa da poética e da pedagogia dos saraus. Atualmente está finalizando seu primeiro romance”.

Saraus das Periferias. A mesa também contou com a abertura de Antonio Eleilson Leite, coordenador da área de Cultura da Ação Educativa, e teve a mediação realizada por mim, Renata Mourão Macedo, professora na Sociologia e Política – Escola de Humanidades. A seguir, trazemos alguns trechos dessa conversa a fim de registrar esse encontro e contribuir para o debate sobre educação, cultura e diversidade.

Pedagogia dos saraus: a experiência de criação do Sarau dos Mesquiteiros

Rodrigo Ciríaco iniciou sua participação na mesa recitando o poema que pela primeira vez o arrebatou quando entrou no Sarau da Periferia, realizado na Cooperifa em 2005. Trata-se do poema “Periafricana”, de autoria de Gaspar Z’África Brasil, do qual selecionamos um trecho:

Não tenha medo em dizer que tu é Preto
Não tenha espanto em dizer que tu é Branco
Não seja omissos em dizer que tu é Índio
E nos tambores corre sangue Nordestino
Antigamente Quilombos, Hoje Periferia
O Esquadrão Zumbizando as origens Z’Africana.
Somos filhos de uma terra sagrada
Qualquer Periferia, qualquer quebrada é um pedaço D’África.

Sou Kingston, show no Capão, sou Marroon,
Sou Subupira, balanço Lundu, sou um da Leste, sou um da Sul.
Nos antigos mistérios da Quilombologia,
Toda quebrada é quebrada na grande Periafricana

Conforme narrativa de Rodrigo ao reconstituir sua trajetória como professor de história e criador do Sarau dos Mesquiteiros⁵, foi no momento que ouviu esse poema ser recitado que percebeu as inúmeras possibilidades de trazer poesia para a sala de aula: “eu entendi ali, no Sarau da Cooperifa, que o sarau era um tipo de arte que eu gostaria de levar para a escola, pela sua estética, pela sua linguagem”.

No ano de 2006 Rodrigo passou a sistematizar esse projeto dentro de uma escola pública do estado. Conforme sua narrativa, tal processo não se deu sem resistências: “levar essa missão do Sarau tinha uma resistência muito grande, primeiro por eu ser professor de história, então o pessoal achava que eu estava querendo chegar e já roubar um pouquinho o lugar”. Outra resistência se dava em função da linguagem da periferia: “seja pela questão por vir da Periferia, seja pela questão da linguagem, pela literatura Marginal. Então tinha muito essa ideia ‘ah, é literatura de bandido’. Tinha esse preconceito. E na verdade eu tive que desenvolver de início um

5. Para saber mais sobre o Sarau dos Mesquiteiros, conferir: <<http://mesquiteiros.blogspot.com/>>.

projeto, explicar que era um projeto de inserção do Sarau dentro desse espaço de ensino”.

Três anos após esse projeto inicial, Rodrigo conta que chegou a pensar em desistir, seja pela falta de recursos, seja pela falta de incentivos. Posteriormente, teria uma ideia que alteraria os rumos desse projeto, dando origem ao que se tornaria o Sarau dos Mesquiteiros: “Então, em 2008 para 2009, me deu um clique: percebi que eu estava buscando apoio em um lugar errado, porque olhava muito para a gestão, olhava muito para coordenação, para os professores. Depois eu entendi que um dos meus principais parceiros no trabalho poderia, e teria que ser, os próprios estudantes. E eu, quando entendi isso, o trabalho ganha uma força que até então não tinha”.

Nas palavras de Rodrigo, a história do Sarau dos Mesquiteiros se desenvolveu do seguinte modo: “A gente fundou um grupo em abril de 2009, que se chama ainda hoje Mesquiteiros – por sugestão de um dos estudantes na época, a junção do nome da Escola, Jornalista Francisco Mesquita, com o ideal dos Três Mosqueteiros: um por todos, todos por um”. Desde o início, o projeto propunha o trabalho de “pedagogia dos saraus”, o qual, conforme Rodrigo, é um trabalho “no chão da sala de aula”. Passaram a organizar a realização de um sarau na escola no último final de semana de cada mês: “a gente abria a escola para a

comunidade, fora do horário regular da escola, e aí as pessoas começaram a aparecer e o Sarau dos Mesquiteiros começou a ganhar corpo”, conta Rodrigo. Entre 2006 e 2013, em oito anos, foram organizados mais de quatrocentos saraus dentro dessa escola. Rodrigo conta a importância de ter realizado registros de todo esse percurso do projeto: “eu sempre tive uma preocupação, que eu acho que foi muito importante naquela época, mesmo com uma máquina fotográfica que não era no celular, mas de ter o registro desse trabalho”. Na época, os conteúdos eram divulgados em um blog on-line e na rede social Orkut, posteriormente passando para a divulgação na rede social Facebook. Segundo Rodrigo, “esse trabalho de registro foi muito importante para trazer essa identidade e reconhecimento dos saraus atuando na educação”.

A partir dessa experiência inicial, foi surgindo a necessidade de expansão do projeto, envolvendo outros agentes: “Como é que a gente pega essa experiência de realizar saraus dentro da escola, nos moldes dos saraus das periferias, em outras unidades com a mesma potência, com a mesma força, a mesma palavra, a mesma performance?” Progressivamente, essa atuação foi se espalhando para outros campos, num trabalho de multiplicação. Rodrigo destaca os cursos de formação de educadores, em que já realizaram formação com mais de seiscentos

educadores. Segundo Rodrigo, “nas formações que a gente faz, da Pedagogia do Sarau enquanto método de ensino, a gente apresenta maneiras para os professores atuarem”. Além da história da literatura marginal, são passadas sugestões práticas de como os educadores e as educadoras podem replicar em parceria com esses estudantes o sarau em espaços educativos, formais ou não.

Conforme sintetiza Rodrigo: “resumindo, é um trabalho que acontece há quinze anos. É um trabalho que surgiu no chão da sala de aula. Então é como aquele poema de Antônio Machado, ‘caminhante, não há caminho, caminho se faz na caminhada’”.

Pedagogia dos slams: entre o Slam da Guilhermina e o Slam Interescolar

Nessa conversa, também Cristina Assunção narrou sua trajetória no Slam da Guilhermina, experiência que posteriormente foi expandida para o projeto educacional intitulado Slam Interescolar – campeonato de poesias faladas que reúne dezenas de escolas públicas de São Paulo. Antes de nos contar essa trajetória, Cristina também declamou um poema, de autoria de John Nogueira, composição de quando ele tinha dezessete anos e era estudante da Escola Estadual

Tomie Ohtake. Com esse poema o estudante ficou em segundo lugar no Slam Interescolar nacional. A seguir, um trecho do poema recitado:

De lá para cá o mal veio de Caravela
com sobrenome Cabral
Diretamente da Europa
Vulgo Portugal
trazendo armas e fardas
convertendo e matando
isso vem acontecendo há mais de 500 anos
escravizando nosso povo, toda uma nação
Prefeito burguês querendo trocar merenda por razão
E a mesma arma que mata é a mesma que converte
a mídia manipula para vocês jogar confete
Então confere o caráter nos caracteres
somos erro 404 no programa desses vermes

Cristina conta que, assim como Rodrigo Ciríaco, é professora de história. E também destacou a importância dos Saraus da Cooperifa na criação do seu projeto, reconhecendo a centralidade dessa cena cultural periférica em sua trajetória. Segundo ela: “O Slam da Guilhermina também é fruto desses saraus, do Sarau do Binho, do Sarau da Cooperifa, e o Slam da Guilhermina vai trazer uma diferença. É o segundo Slam do Brasil, mas é o primeiro feito na rua”. Cristina sublinha os anos de 2012 e 2013 como momentos importantes, quando essa história ganharia novos rumos: “E eis que, em 2013, o Emerson Alcalde, meu

companheiro, fundador do Slam da Guilhermina, vence o Slam SP e consegue vaga para a Copa do Mundo de Poesias na França”. Foi nessa viagem à França que vivenciaram uma experiência inspiradora para dar continuidade ao projeto: “No primeiro dia do evento [na França], eu vi o Emerson eufórico e extasiado. ‘Você tem que ver o que está acontecendo aqui. Isso aqui é maravilhoso! Sobe aqui, vamos! Entra, entra, entra. Pega câmera, liga!’ Que eu estava fazendo também as filmagens. Quando a gente vê, o anfiteatro estava cheio de crianças com cartazes, com cartolina, cada um torcendo para o seu colega, para o seu parceiro, para sua parceira. E, quando a gente vê, está lá o palco e aquela criancinha lá declamando poemas”.

A partir dessa experiência inspiradora, Cristina levou o projeto para a escola em que lecionava, na Vila Guilhermina, zona leste, trazendo a vivência do Slam da Guilhermina para dentro desse espaço educacional. Desde o início, o projeto contou com excelente recepção por parte dos estudantes. A partir dessa experiência iniciaram um Slam Intersalas, misturando turmas de ensino fundamental I e II. Segundo Cristina, foi a partir de conversa com Emerson e colegas da cena que surgiu a ideia do Slam Interescolar, criado em 2015. Ela lembra as emoções desse primeiro evento: “Nós

tínhamos quatro escolas começando o Slam Interescolar em 2015. Fizemos no teatro Flávio Império. Tivemos a presença de diversos poetas camaradas, amigos que foram empolgados, foram lá para serem jurados. Na época, como eram só quatro escolas, quem venceu na sua escola o primeiro e segundo lugar – o slam é uma competição – foi fazer essa nossa primeira final do Slam Interescolar de São Paulo. Foi uma festa linda demais!”

Segundo Cristina, no ano seguinte, embora a expectativa fosse grande, não sabiam ao certo quantas escolas iriam se inscrever. Foram surpreendidos com vinte instituições inscritas. Ela lembra: “Eis que chegam vinte escolas! Eita! A gente fez o segundo Slam já com quarenta poetas! 2016 – eu grávida –, foi no Centro Cultural Vergueiro, foi uma festa, também, linda. Porque a gente fez lá no Centro Cultural Vergueiro, São Paulo, uma expectativa muito grande, e chegaram mais de 250 pessoas para assistir”.

O evento vem crescendo ano após ano: em 2019 foram oitenta escolas inscritas. Já o evento de 2020, com 132 escolas inscritas, teve que ser





adaptado ao modo on-line em decorrência da pandemia de Covid-19, gerando apreensão, mas também novos aprendizados sobre as possibilidades das ferramentas on-line.

Nessa conversa, Cristina destacou ainda a importância da movimentação dos slams em diversas frentes educacionais, gerando nas escolas conhecimentos também sobre comunicação e divulgação: “As escolas da prefeitura utilizam a imprensa jovem. E aí é a galera filmando, a galera fazendo a edição de vídeo. Galera fazendo fotografia do evento. Então são várias atividades! O slam, ele acaba capilarizando para diversos outros ambientes da escola, para além, como eu disse, do poeta. Isso também me deixa extremamente feliz, aí [surgem] outros produtores culturais de quebrada”.

Assim como Rodrigo, Cristina também destaca a importância do registro e divulgação desses eventos nas redes sociais⁶, ampliando a ação para outras escolas e estudantes interessados. O trabalho também pode ser acompanhado por meio de publicações como os livros *Slam da Guilhermina* (Assunção et al., 2016) e *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas – Slam Interescolar SP* (Assunção et al., 2021).

6. As atividades podem ser acompanhadas na rede social Facebook, na página “Slam Interescolar SP”, ou no Instagram, na página “slaminterescolar”.

Considerações finais

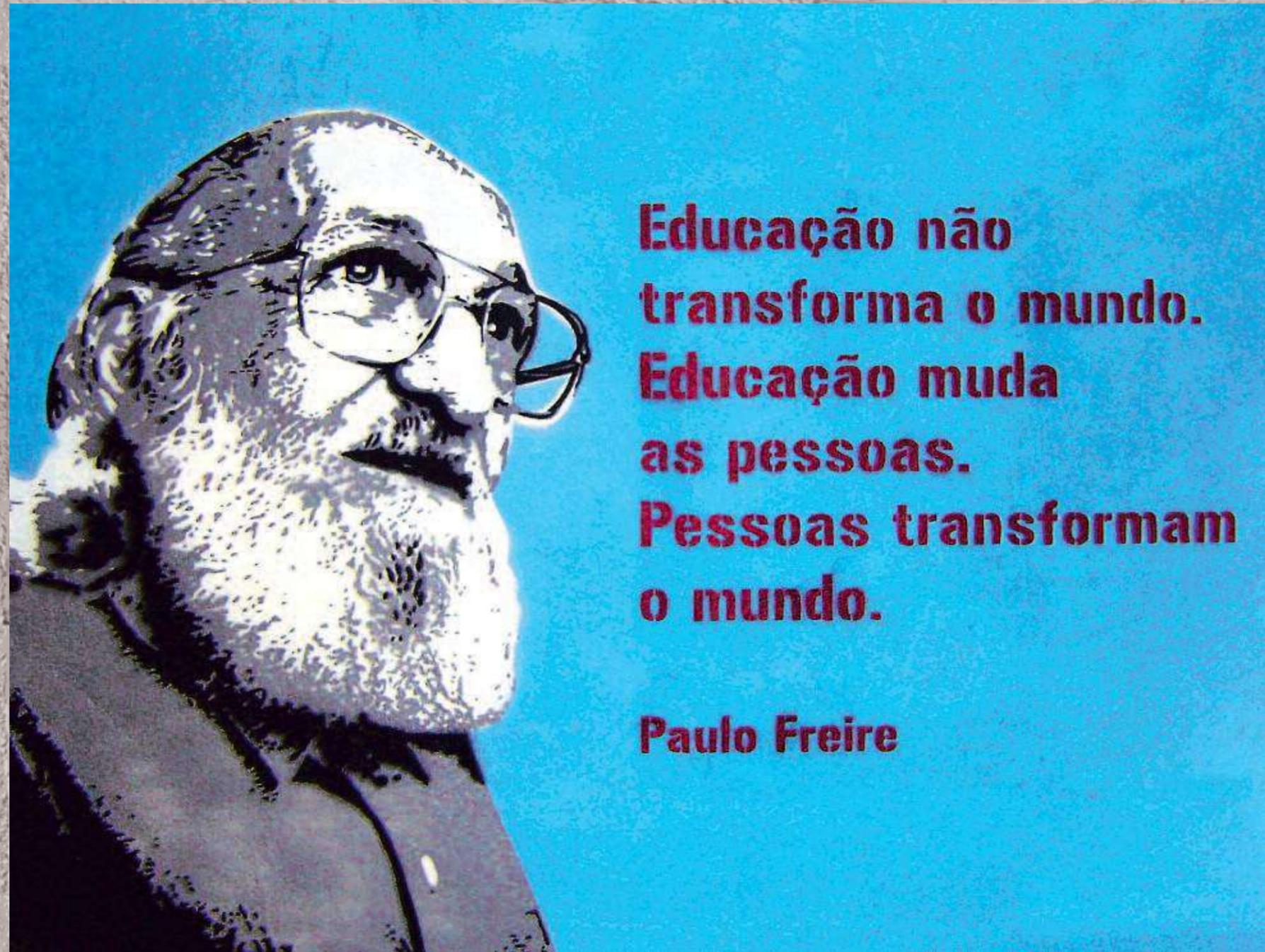
Neste texto, de maneira breve, destacamos alguns momentos das apresentações de Cristina Assunção e Rodrigo Ciríaco na mesa intitulada “É tudo nosso! Pedagogias do Sarau e Slam”. Acompanhar as narrativas dessas trajetórias de construção de projetos culturais em escolas públicas da periferia de São Paulo nos permite ver as dificuldades e desafios enfrentados nessa caminhada, mas também os excelentes resultados colhidos ao longo desses anos.

Retomando as comemorações de cem anos de nascimento do educador Paulo Freire, vale retomar a noção crítica de pedagogia que esse autor delineia. Em *Pedagogia da esperança* (2015), insiste na importância de uma pedagogia que cultive a “leitura da palavra” mas, indo além, também a “leitura do mundo”. Segundo Freire, essas duas dimensões devem caminhar juntas, “dialeticamente solidárias” (2015, p. 147). As experiências aqui narradas, sobre a pedagogia dos saraus e slams entre estudantes de escolas públicas da periferia de São Paulo, muito nos ensinam sobre esse processo freiriano de leitura crítica e criativa da realidade, mobilizando a “leitura da palavra” e a “leitura do mundo” entre crianças e jovens.

A mesa completa pode ser acessada pelo link:
<https://www.youtube.com/watch?v=HS5wmiYvZMI>

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Julia Figueiredo Murta de. *Juventude e produção literária: um estudo sobre poesia falada nas periferias paulistanas*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.
- ASSUNÇÃO, Cristina; ALCALDE, Emerson; MOTTA, Rodrigo; CHAPÉU, Uilian (orgs.). *Slam da Guilhermina: três ponto zero*. São Paulo: Slam da Guilhermina, 2016.
- ASSUNÇÃO, C. A.; JESUS, E. A.; SANTOS, U. *Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas: Slam Interescolar SP*. São Paulo: LiteraRua, 2021.
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- D’ANDREA, Tiaraju. *Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos*. Novos estudos CEBRAP, v. 39, p. 19-36, 2020.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- MACEDO, Shislene. *Salve quebradas! Raça, educação e articulações feministas na periferia de São Paulo. 2021*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2021.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha. *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana*. 2012. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.
- NEVES, Cynthia Agra de Brito. *Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo*. Linha D’água, v. 30, n. 2, p. 92-112, 2017.



**Educação não
transforma o mundo.
Educação muda
as pessoas.
Pessoas transformam
o mundo.**

Paulo Freire



**Universidades Livres
nas periferias**

Mesa 2



Sócrates Magno Torres

MEDIAÇÃO
Educador Social e professor convidado da FESPSP. Fundador da Unimauro.

Valquíria Cândido
CONVIDADA

Catadora, integrante da Cooperpac e membro da Rede Cata Sampa. Participa da Unigraja.

Kim Alecrim
CONVIDADA

Cozinheira, membro do coletivo Orgânicas para Todes. Participa da Unigraja.

Regina Célia Bortoto

CONVIDADA
Diretora aposentada, pedagoga e membro do GT de Educação da Universidade Livre e Colaborativa (UniPerus).

Para compreendermos os movimentos atuais nas periferias brasileiras, no que tange ao surgimento de universidades livres, tais como a UniGranja, UniPerus e diversas outras iniciativas, precisamos recorrer a uma análise sociológica e histórica do nosso país e nos debruçarmos sobre as transformações que ocorreram no início dos anos 2000, ampliando até chegarmos aos dias de hoje, com quase a totalidade das instituições de ensino superior contando com ações afirmativas.

Primeiramente, não podemos esquecer que nenhum avanço social, sobretudo no que diz respeito à educação, ocorre por decreto, tampouco por benevolência das elites dominantes que insistem na manutenção de privilégios. Mas por longas lutas, muitas vezes inglórias, mas que vão crescendo e se qualificando ao longo das jornadas até que, por meio de mudanças políticas e ideológicas, consigamos representatividade institucional e eleitoral para levar à frente as pautas dos grupos sociais historicamente perseguidos.

Desde as lutas abolicionistas, a presença do povo negro já era reivindicada nas universidades brasileiras, assim como negros e negras alforriados lutavam para acessar o ensino superior, inclusive na metrópole lusitana. Aos escravizados e

aos libertos após a suposta abolição, nem sequer a alfabetização era concedida. Ao invés disso, proibida e combatida com o rigor da violência oficial. Mesmo assim, muitas figuras negras conseguiram notoriedade desde os séculos XVIII e XIX, como os irmãos Rebouças, e outros apenas foram reconhecidos simbolicamente, já nos nossos dias, como o advogado Luiz Gama e o arquiteto Joaquim Pinto de Oliveira, o Tebas.

O século XX foi também de muitas lutas pela educação, pela dignidade humana e por direitos civis, por todo o mundo. No pós Segunda Guerra Mundial, essas lutas se acirraram e movimentos nos Estados Unidos da América inspiraram gerações, que passaram a ter grandes referências, como James Baldwin, Rosa Parks, Malcolm X, Angela Davis, Martin Luther King. Enquanto no nosso país pessoas como Abdias do Nascimento, Carolina Maria de Jesus, Guerreiro Ramos, Lélia Gonzalez, Milton Santos e muitos outros e outras influenciaram e influenciam o pensamento acadêmico e popular, nos nossos dias.



Movimentos organizados, como o MNU – Movimento Negro Unificado –, tiveram um papel crucial nas lutas pela universalização da educação, assim como pelo acesso, ao ensino superior, das camadas alijadas dos processos de construção do pensamento, representação institucional, mobilidade social por meio da educação. Muita resistência e combate por causa de uma Ditadura civil-militar no Brasil, perseguição, tortura, desaparecimentos, mortes não conseguiram parar um movimento que vinha se estruturando desde muitas décadas antes, e não parariam, e não pararam, até a atualidade, na busca da manutenção de direitos adquiridos e ampliação da participação negra nos diversos setores da sociedade.

Como bem pontuou Kim, a história do acesso à universidade e da constituição de universidades sempre foi e ainda é uma história de lutas: “[...] as universidades assumem um papel que é em defesa da nossa classe, porque é isso, nosso acesso à educação começa quando a gente é da classe que perde os seus direitos primeiro, quando a gente se propõe a resolver uma lacuna que o Estado não se propõe, além de não ajudar, ainda

atrapalha. Tira, corta ainda mais o que já é precário. Então, quando a gente se põe nesse momento de resolver as nossas próprias dores, já que o Estado não se posiciona nisso, e quando a instituição privada tenta resolver também é de uma forma classista, porque muitas vezes quando o aporte financeiro chega, ele já vem pré-moldado”.

Até então, depois do início das cotas nas universidades brasileiras, não existia no imaginário popular de forma consolidada o termo “Universidade”. As subjetividades do povo preto, pobre e periférico nunca experimentaram a Democracia, a Liberdade, a Cidadania. Todos esses termos sempre estiveram fora daquilo que as populações oprimidas poderiam vislumbrar como presente ou futuro. Com o acesso de uma geração ao ensino superior, muitas coisas começaram a mudar. Como Sócrates salientou na mesa, “para além da quebra do ciclo geracional de pobreza que o acesso à educação universitária poderia proporcionar, um pensamento crítico passou a permear as mentes, antes colonizadas por séculos de opressão”.

Com a conquista dessas ações afirmativas, uma grande quantidade de pessoas desses estratos sociais

passou a ocupar os espaços universitários e transformá-los. Diferentemente do que ocorria outrora, quando um negro ou negra, pobre ou trabalhador conseguia furar o cerco do determinismo social e adentrar a universidade e ser transformado por ela, convertendo-se aos códigos sociais das camadas dominantes, essa nova geração estava muito mais organizada e transformou os ambientes acadêmicos em algo mais retinto, com um acento periférico, com uma grade de matérias e bibliografias que não apenas contemplavam o eurocentrismo. Uma revolução, não tão silenciosa, começara.

Como lembrou Sócrates na mesa, “o advento das cotas, financiamentos, todas essas ações afirmativas que foram implementadas depois de muita luta do movimento negro, de vários movimentos periféricos, fez com que a periferia adentrasse a universidade. Ao adentrar a universidade, ela começa a adentrar a escola, porque só tinha que ter nível superior – então muita gente que foi formada –, e a partir do meado dos anos 2000, nós tivemos uma demanda, uma entrada muito grande de pessoas da escola pública [...]”.

A escola pública, que era dominada por filhos e filhas das elites que tinham nível superior, passou a ser ocupada por pessoas com suas origens no próprio território. A criança que não se identificava, ou tinha nas classes originalmente opressoras suas referências,

passou a presenciar os seus familiares e vizinhos como professores e professoras, diretores e diretoras das escolas. Uma sensação de pertencimento em relação à escola começou a habitar corações e mentes e transformou o imaginário popular de forma profunda e definitiva. Uma criança, que outrora apenas conseguia se enxergar em posições subalternas herdadas geracionalmente, passou sentir que poderia mais. Por meio da educação.

Essa mudança, muito mais do que do olhar, mas das próprias subjetividades, forjou uma geração que já tinha uma mãe, uma irmã mais velha dentro de uma universidade. O termo “Universidade” não era mais algo tão inalcançável. Existia um caminho. Não sem muitas dificuldades, mas uma luz no fim do túnel. E acessar passou a ser um projeto de vida viável e factível. Mesmo dentro do ambiente acadêmico, inclusive nas áreas de humanas, o preconceito e discriminação já na própria universidade seriam e são implacáveis, mas essa geração tem conseguido sobreviver e fazer o devido enfrentamento para a manutenção e ampliação da presença do povo preto, pobre e periférico no ensino superior.

A prova inequívoca de que essa ocupação tem sido exitosa é justamente a tentativa de sucateamento da universidade pública. Enquanto ela servia para a manutenção da dominação por parte da elite do atraso



que comanda o Brasil desde sua invasão, em 1500, os investimentos apenas cresciam. Porém, agora que ela não apenas reforça privilégios de classe, mas também acende a luz da luta por direitos das camadas mais pobres, querem sucatear, privatizar, pois estão perdendo o controle de que a construção de pensamento colonizador e hierarquizante sempre se valeu para manutenção do poder.

Iniciativas como os ambientes não formais de aprendizagem, tais como coletivos, saraus, cursos e universidades livres existem porque o imaginário da quebrada não é mais o mesmo. Porque agora o exercício do conhecimento e da organização comunitária tem trazido frutos muito expressivos que se tornaram referências vivas e de nossa geração. Em tempo real e ao nosso lado. São intelectuais, artistas, políticos e políticas, CEOs e grandes corporações, jornalistas, âncoras de jornais de grande alcance, comentaristas econômicos e uma infinidade de funções que eram ocupadas pelas classes dominantes e brancas.

É muito difícil perceber uma revolução enquanto ela está acontecendo. E estamos em plena revolução. A conjuntura atual revela o movimento reacionário que tenta conter um avanço que não irá ceder. O povo negro não voltará para a senzala, as mulheres não voltarão para a cozinha, LGBTQIAP+ não voltarão para o armário. Apesar de a elite do atraso – que sempre

manteve privilégios e se recusou a aceitar direitos adquiridos depois de muita luta dos grupos sociais que sempre foram oprimidos – não aceitar ver gente negra em aeroportos, universidade, em vez de em presídios e cemitérios, esse é um caminho sem volta.

O que presenciamos hoje é a reação dessa sociedade retrógrada, que elege representantes com discurso de ódio e preconceito para tentar conter os avanços que experimentamos e de que não abriremos mão. Esse ódio institucionalizado é a prova inequívoca de que a superfície da bolha dos privilégios foi arranhada. De que a tentativa de sucatear a educação em todos os seus níveis é uma forma de tentar conter um movimento que não recuará. De que o povo preto, pobre, periférico, indígenas, imigrantes, os diversos grupos que são perseguidos hoje serão os que estarão no poder em todos os níveis.

Por isso, iniciativas como essas de Universidade Livres são exercícios, fora do rigor epistemológico da educação formal, que podem e devem ser estimulados e ampliados. Para que cada quebrada, cada aldeia indígena, penitenciárias, inclusive núcleos de pensamento livre dentro dos próprios ambientes acadêmicos, possam ser pontos de uma extensa e densa cartografia de afetos que unam esses pontos espalhados por todos os lugares em que a educação esteja sendo trabalhada como forma de transformação social.

Vários depoimentos da mesa corroboram a importância das universidades livres, como o de Valquíria:

Eu sempre quis estar em uma universidade, mas aí por conta de vários fatores eu não consegui. Mas o meu trabalho me proporcionou aprender muitas coisas que eu não tinha noção. Trabalhar no meu segmento, eu preciso me atualizar sempre e, aí, surgiu essa coisa da Universidade livre. Eu nunca tive acesso, eu não imaginava que um dia eu poderia ter acesso a tanta informação sem estar dentro de uma sala, de um local fechado. Quando veio essa ideia [...] fazer parte de uma universidade, ainda mais sendo uma universidade feita por pessoas incríveis que eu conheço, pessoas que têm a sua experiência e que compartilham conhecimentos enormes. E eu imaginar que eu também poderia compartilhar os meus conhecimentos, porque é muito nítido, muito claro, que nem tudo está dentro dos livros. A experiência das pessoas, a vida das pessoas, o trabalho nas pessoas já é um currículo, já é uma matéria. [...] Porque a gente nunca sabe de tudo, todo dia a gente aprende uma coisa diferente. E a UniGraja me proporcionou isso, ampliar a ideia de estar participando entre os jovens e o acesso.

E também de Regina:

Quem estuda nas escolas privadas durante todo o ensino fundamental, infantil, vai logo para pública [...], e a gente faz o contrário: a base que sempre foi na pública, quando vai para a universidade tem que pagar pelo seu estudo. O que exclui de antemão muita gente [...]. Então na minha época a universidade então era esse almejar, não só pela informação mas também para a ascensão econômica. [...] no decorrer da vida, a gente percebe que nem tudo está no

livro, e que a gente tem que reescrever essa história. Contar ali, aquilo que a gente acha que tem que ser contado e muita gente quer apagar ou quer esconder da nossa história. É esse exercício que a gente faz no território, lá em Perus com a Universidade Livre Colaborativa, onde não há hierarquia, onde as decisões são do coletivo, onde a gente pensa que vamos superar, ou tentar superar, a dicotomia entre ensino popular e esse ensino mais erudito, acadêmico, ou então esse trabalho de gabinete com o trabalho de campo. Com as duas coisas juntas elas podem avançar para soluções. De nada adianta conhecimento se ele não for prático para nossa vida e nos ajudar a resolver, a solucionar problemas, porque é para isso que serve a cultura, que serve a educação.

Para que possamos construir as bases de libertação das futuras gerações, precisamos nos conectar com as conquistas e legados que os que começaram essas lutas nos deixaram. Apenas com o respeito, resgate e manutenção da luta dos muitos que até tombaram para que pudéssemos enxergar uma batalha de igual para igual, poderemos fortalecer o que pensamos de futuro. Votando nos nossos, valorizando os que não tiveram acesso ao conhecimento formal, mas que carregam sabedoria de gerações, ancestralidades, e semeando para que as crianças nasçam e cresçam em um ambiente difícil, sim. Mas que a perspectiva de futuro seja um projeto viável de vida.

A mesa completa pode ser acessada pelo link:

<https://www.youtube.com/watch?v=ndIAQpAMD7w>



Mesa 3



Valéria Valls
MEDIÇÃO
Coordenadora
do curso de
Biblioteconomia
e Ciência da
Informação da
FESPSP.

**Claudia Rose
Ribeiro da Silva**
CONVIDADA
Professora e
coordenadora do
Museu da Maré,
Rio de Janeiro/RJ.

Fernando Filho
CONVIDADO
Cientista social e
pesquisador do
CPDOC Guaianás,
São Paulo/SP.

**João Pedro
Rodrigues**
CONVIDADO
Museólogo e
pesquisador do
CPDOC Guaianás,
São Paulo/SP.

Nóis qué lembrá de nóis

A cultura é um conjunto de realizações materiais e intelectuais de uma coletividade, sejam elas objetos, técnicas, costumes, crenças ou padrões de comportamento. São elas que perpetuam as bases para construção do mundo social e dão identidade aos indivíduos de uma sociedade. As manifestações e produções culturais, as reflexões sobre o mundo e valores sociais de uma comunidade dizem respeito às ações, às regras e aos pactos dos grupos sociais envolvidos e engajados, muitas vezes dentro de territórios que normalmente se circunscrevem dentro de padrões econômicos e de classe social.

Sim, nas quebradas existem história, pensamentos e culturas germinados em um caldo de vulnerabilidades político-econômicas, exclusão social, racismo, misoginia, homofobia e muitas outras formas de opressão impostas pelas elites econômicas e por perspectivas dominantes que a todo custo tentam construir barreiras materiais e simbólicas, como cor de pele, gêneros biológicos, sexualidade padronizada ou até mesmo normatizações linguísticas.

Tirar o direito das periferias às suas histórias e memórias é uma forma eficaz de apagamento e silenciamento das vozes das quebradas, do que realmente aconteceu e continua a se realizar nesses territórios. Impede o conhecimento e o reconhecimento de

valores, saberes e dores que inspiram suas artes, sejam literárias, poéticas, musicais, cênicas, plásticas ou cinematográficas. É neste contexto que se insere esta mesa, “Aqui era tudo mato: Memória e Museologia Social nas periferias”, criativo título dado ao debate realizado no dia 4 de novembro de 2021 dentro da programação do seminário *Estéticas das Periferias – Educação e cultura: uma relação que se efetiva nos territórios*.

Valéria Valls, coordenadora do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Sociologia e Política foi a moderadora e abre aqui o debate:

Este tema, que tem foco na museologia social, também é muito caro à biblioteconomia, que é a área que eu represento pela Sociologia e Política – Escola de Humanidade. A seguir será apresentado um breve relato do instigante bate-papo que foi realizado, com a intenção de produzir um registro desse encontro, material que certamente poderá apoiar pesquisas ou ações ligadas à museologia social, em especial em territórios periféricos das cidades brasileiras.

Os debatedores convidados foram Cláudia Rose Ribeiro da Silva, do Museu da Maré, e Fernando Filho e João Pedro Rodrigues, do CPDOC Guaianás. Cláudia nasceu na Baixada do Sapateiro, uma das comunidades que fazem parte da Favela da Maré, no Rio de Janeiro. É graduada em história pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e mestre em bens culturais e projetos

sociais pelo Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens Culturais do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. É professora de história da rede pública do município do Rio de Janeiro, além de cofundadora do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré e do próprio Museu da Maré. Entre 2009 e 2011, foi chefe do núcleo de museologia social do Instituto Brasileiro de Museus, o Ibram. Atualmente é coordenadora do Museu da Maré, participante do grupo de articulação da Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, o Remus, e integrante do conselho do dicionário de favelas Marielle Franco. Fernando Filho é pesquisador do CPDOC Guaianás desde 2015, professor da rede pública do estado de São Paulo e de escolas privadas de educação básica. Atualmente é doutorando em sociologia pela USP, pesquisando intelectuais negros brasileiros. Também é bacharel, licenciado e mestre em ciências sociais pela Unifesp. Apresentou como monografia final do curso a memória de uma nova cidade nas telas de cinema: “São Paulo: sociologia, cinema e memória”. Além disso, Fernando é membro do grupo de estudos de Antropologia Visual e Urbana. João Pedro Rodrigues é museólogo e, também, integrante do coletivo de pesquisadores periféricos do CPDOC de Guaianás desde 2018; bacharel em museologia pela Universidade Federal de Pelotas, mestrando no programa Interunidades em museologia na USP, é também professor do curso

técnico de museologia na Escola Técnica de São Paulo Parque da Juventude. Possui experiência com acervos de time de futebol de várzea e profissionais e espaços de memória e periféricos, como acervos da Gaviões da Fiel, torcida do Corinthians, e núcleo de patrimônio histórico da Portuguesa Santista.

No curso do seminário, Cláudia ressalta a importância da museologia social para os grupos populares marginalizados, principalmente em um momento da conjuntura nacional em que esses grupos sofrem severos ataques das perspectivas dominantes – ataques que são históricos, ou melhor, são o modo de fazer a história dominante. A Maré é um território que está na confluência de várias vias importantes na cidade do Rio de Janeiro. Ao traçar a cronologia da ocupação do território, da década de 1940 até hoje, Cláudia conta como em meio à ditadura militar as obras de aterramento da Baía da Guanabara contribuíram para a degradação ambiental e para a visão de que “as populações nordestinas, os imigrantes chegaram, criaram as palafitas e poluíram tudo”. A poluição foi gerada pela ação do poder público no território, mas, pela falta de voz daqueles que lá viviam, a perspectiva dominante os vestiu com a própria carapuça. É por motivos como esse que se faz necessária a construção e preservação da memória dos habitantes do território – e de demais territórios, quebradas e periferias.

A construção e preservação da memória da Maré, até se consolidar no Museu da Maré, começa em 1989. Naquele tempo, havia o projeto TV Maré, que registrava em VHS diversos depoimentos e histórias de vida e do cotidiano dos moradores. Em 1995, o material produzido pela TV Maré é incorporado ao Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, o Ceasm, no momento de sua criação. Segundo Cláudia, muitos dos jovens que fizeram parte da TV Maré também fizeram parte da criação e da fundação do Ceasm, e o que motivou sua criação foi o vestibular comunitário. A partir do centro de estudos e do acervo da TV Maré, já no final de 1997, criou-se o projeto Rede de Memória da Maré. A partir disso, o acervo doado é ampliado por pesquisas em arquivos públicos da cidade do Rio de Janeiro e das universidades públicas do município, acrescido de materiais doados pelos moradores da Maré e de um trabalho de registro da história oral desses moradores, tanto dos mais antigos quanto dos jovens. Cláudia afirma a importância da documentação oral de diferentes faixas etárias para o registro das dinâmicas de mudança da memória. Esse acervo

1. O Museu da Maré também conta com exposições temporárias e itinerantes.
2. O Tempo da Água, onde é exposto material do começo da ocupação da Maré pelas águas da Guanabara, incluindo a reprodução de uma casa de palafita em tamanho real; O Tempo da Migração, fazendo referência à migração nordestina para a Maré; O Tempo da Casa, onde são mostrados os elementos internos de casas da Maré; O Tempo da Resistência, em referência às lutas da população da Maré contra as várias formas de ameaça até os dias de hoje; O Tempo do Trabalho, que dá a noção do trabalho de construção da Maré a partir das ferramentas utilizadas; O Tempo da Festa, que corresponde às diversas

ampliado e trabalhado pela Rede de Memória da Maré foi nomeado de Arquivo Dona Orosina Vieira, uma das primeiras moradoras da Maré em 1940.

A Rede de Memória da Maré se inscreve no primeiro edital de pontos de cultura do projeto Cultura Viva do Governo Federal, em 2005, é selecionada e cria-se a Casa de Cultura da Maré. A Casa de Cultura é inaugurada em 2006, e muitos moradores a chamavam de “museu da maré”. Pelo fato de a palavra “museu” ter mais referência do que “casa de cultura”, o nome Museu da Maré foi adotado. Lugar onde acontecem diversas atividades culturais para a construção e preservação da memória da Maré.

Em sua fala, Cláudia, mostra como o trabalho de memória de seu território, do Museu da Maré, parte de uma trajetória de ação popular desde a década de 1980. Apesar do trajeto histórico linear, a história contada no museu em uma exposição permanente¹ – “Os tempos da Maré” – rompe com a linearidade, mesclando o passado, o presente e o futuro em 12 tempos ao longo do acervo exposto². Para Cláudia, se a exposição “Os

manifestações culturais da Maré; O Tempo da Feira, em que são expostos objetos que fazem alusão à vida do comércio popular do território; O Tempo do Cotidiano, em que são exploradas as mudanças e permanências no cotidiano dos moradores; O Tempo da Fé, em referência às várias expressões da vida religiosa; O Tempo da Criança, que trabalha com o lúdico e formas de representação da perspectiva da criança; O Tempo do Medo, que apresenta os medos que mobilizam as lutas da Maré, o medo da palafita, da bala que não é perdida etc.; e, por fim, O Tempo Futuro, que promove a ideia não de um futuro idealizado, mas de um futuro, ou futuros, construídos coletivamente.

tempos da Maré” é o coração do museu, o Acervo Dona Orosina Vieira é a alma. Pela preservação das realizações materiais e intelectuais da Maré, o museu, que é construído na coletividade com o território, cultiva e pulsa as memórias e história dos seus.

Assim como o Museu da Maré, o CPDOC Guaianás também faz o trabalho de preservação e conservação da história e memórias dos grupos sociais que estiveram sempre à margem da história da nação – os trabalhadores e migrantes nordestinos dos bairros periféricos da zona leste de São Paulo. A atuação do CPDOC se iniciou em 2012, pautada pela ausência de espaços “que pudessem contar um pouco sobre as memórias das narrativas dos trabalhadores e trabalhadoras que residem nesses bairros”, como conta Fernando. Porém o trabalho se dá de forma itinerante, já que não há sede física. Os bairros de abrangência do CPDOC são Guaianazes, Cidade Tiradentes, Lajeado e São Mateus, bairros que historicamente foram construídos por trabalhadores e migrantes, e que surgiram historicamente afastados do centro da cidade.

Esse afastamento é também memorial, como expresso na palavra de João, compartilhada com Fernando. Conta que os museus ou espaços de cultura na cidade de São Paulo estão concentrados em sua maior parte no centro e zona oeste da cidade, não em periferias como os territórios da zona leste. A cidade conta com 132 museus, espaços de memórias e espaços culturais, mas somente sete estão na zona leste. Ou seja, menos de 10%. Falar da falta de museus, João diz, não é um processo de deslegitimação das memórias, mas uma luta pelo Estado e pela importância de o Estado oferecer subsídios para a manutenção de acervos e centros de memória nas periferias para que estas contem suas próprias histórias.

Entre as atividades do centro de pesquisa estão programas de história oral, documentação fotográfica, exposições itinerantes, registros audiovisuais e produções documentais, processos de formação e assessoria documental, articulando parcerias com espaços no interior do território, sejam instituições culturais como o Sesc, especialistas de diversas áreas ou moradores dos

bairros. A recuperação da memória do território passa não só pela recuperação de patrimônios materiais, espaços físicos edificados, mas também pelo resgate mnemônico de movimentos sociais, festas e coletivos que compõem sua ocupação histórica. E a ocupação histórica é recuperada também pelo nome do centro de pesquisa – Guaianás. Os guaianás³ foram um dos muitos povos indígenas que morreram durante a colonização portuguesa e o Império brasileiro. Assim, o CPDOC Guaianás recupera o nome e as dores dos povos para lembrar e rememorar as dores e lutas de todos aqueles que sofreram e sofrem com o silenciamento de suas vozes, culturas e memórias.

Ao final das exposições, Valéria sintetiza os temas abordados ressaltando a importância do trabalho realizado pelos integrantes da mesa de Museologia Social nos territórios periféricos, a importância de contar a memória do território, que são as pessoas do território. O que permite a essas pessoas o protagonismo de sua história. A importância desse trabalho de preservação também é recordada por Cláudia, sobretudo pela visão de que a memória é e deve ser tratada como um direito humano. O direito à memória é uma luta travada pela museologia social –

3. A adoção do termo “guaianás” e não “guaianazes” tem uma razão política e histórica. Para os povos indígenas o uso do plural não é empregado para a totalidade de um grupo. “Guaianazes”, no plural, é um aportuguesamento de uma língua nativa, ou seja, uma forma de apropriar a história e cultura de um povo para si – o que silencia.

pelo CPDOC Guaianás e pelo Museu da Maré! Se antes as lutas dos territórios eram lutas pelo direito à moradia, ao saneamento, melhores condições de trabalho etc., hoje elas se ampliam para outros campos, campos subjetivos. Hoje existem lutas pelo direito à universidade, direito à cultura e direito à memória. O que João completa, ao dizer que essas lutas passam pela disputa do Estado. Disputar o Estado é estimular a discussão e lutas por políticas públicas de fomento à cultura e memória. As pessoas sempre guardam suas memórias, guardam fotos, cartas, documentos. Guardam história. Lutar por cultura e memória é lutar por espaços e meios de preservação e comunicação das histórias e memórias dos territórios.

O seminário desta mesa expressa o valor e importância do trabalho de museologia social nas periferias, que, ao lembrar como “aqui era tudo mato”, relembra as diversas lutas e manifestações sociais dos territórios, construindo e preservando identidades e protagonismos locais que possibilitam o cultivo e construção de novos futuros. Se ontem tudo era mato, hoje é tudo nosso!

A mesa completa pode ser acessada pelo link:
<https://www.youtube.com/watch?v=oyOcMn6Wtbc>



**A leitura do mundo e a leitura
da palavra: Bibliotecas Comunitárias
como espaços educativos**

Mesa 4



José Castilho Marques Neto

MEDIAÇÃO

Doutor em Filosofia e membro do Conselho Superior da FESPSP.



Angela Aparecida Ferreira

CONVIDADA

Gestora da Biblioteca Comunitária da Unas Heliópolis.



Geraldo Moreira Prado (Mestre Alagoinha)

CONVIDADO

Fundador da Biblioteca Comunitária do Paiaiá, em São José do Paiaiá/BA.

As bibliotecas comunitárias nascem da ausência: de políticas públicas e de equipamentos públicos. A maioria delas se concentram nas áreas periféricas, rurais ou urbanas. Surgem por iniciativa de moradores ou entidades e muitas vezes são o único ou o primeiro espaço cultural presente.

Porém, apesar da ausência, são potência: trazem em si as riquezas da cultura local de cada comunidade, que gere as bibliotecas e as conecta com a realidade local, democratizando o acesso ao livro, incentivando a leitura e promovendo diálogo com outras manifestações culturais. Aliado a isso, trazem a diversidade, são espaços informais de aprendizagem, e por meio da literatura ampliam o repertório de crianças e jovens.

A mesa aqui descrita foi realizada no seminário Estéticas das Periferias de 2021. A Ação Educativa, o Sesc e a Sociologia e Política Escola de Humanidades tiveram o prazer de receber, como mediador, José Castilho Marques Neto, uma das principais referências brasileiras quando o assunto é livro e leitura, e, como convidados, Angela Aparecida, coordenadora da Biblioteca comunitária da Unas, que fica em Heliópolis, na zona sul de São Paulo, e Geraldo Moreira Prado, conhecido como Alagoinha, responsável pela criação da biblioteca no povoado de São José do Paiaiá, em Nova Soure, na Bahia.

As falas trouxeram com riqueza a história da criação de cada uma das duas bibliotecas, em cenários tão distintos: uma está na maior favela da maior metrópole do Brasil, uma comunidade urbana com mais de 200 mil habitantes, enquanto a segunda fica num povoado rural, com cerca de seiscentos habitantes, que leva em seu nome o povo indígena que habitava aquela região, os Paiaiá.

História

A biblioteca do Heliópolis é vinculada à Unas (União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região), uma entidade sem fins lucrativos que surgiu em 1978 no contexto da luta por moradia. A biblioteca foi criada em 2005, momento em que a comunidade estava passando por uma intervenção artística de Ruy Ohtake e se transformava num bairro educador. Corroborando a tese de que as bibliotecas comunitárias nascem da ausência, até aquele momento a biblioteca mais próxima a essa comunidade (maior que muitas cidades brasileiras) ficava a seis quilômetros dali.

Já a biblioteca do Paiaiá nasceu da iniciativa de uma pessoa, o próprio Alagoinha, que saiu de sua cidade natal e foi para São Paulo em busca de uma oportunidade. Trabalhou, estudou e conseguiu ingressar na Universidade de São Paulo. Com o

seu ingresso na universidade, veio a vontade de levar um tanto daquele conhecimento para a comunidade onde se criou.

Em comum, as duas bibliotecas têm o envolvimento do sociólogo e crítico literário Antonio Candido e de José Castilho em sua criação. “Não é porque uma biblioteca está numa favela que terá que ter livros velhos, né? Então, eu vou fazer uma doação de 1,7 mil livros novos”, disse Antonio Candido na ocasião da formação da biblioteca da Heliópolis. Já Castilho foi responsável pela seleção desse acervo.

O acervo da Biblioteca do Paiaiá também recebeu uma doação do Antonio Candido, que se somou a um acervo que o próprio Alagoinha já tinha juntado, além de ter recebido quinhentos livros do acervo do José Mindlin, por uma doação feita por sua filha Betty Mindlin. De Castilho a biblioteca recebeu apoio para a articulação.

A biblioteca e a comunidade

Em um país com mais de 12 milhões de pessoas não alfabetizadas uma biblioteca ainda pode parecer um luxo desnecessário ou um lugar ao qual tais pessoas não se sentem pertencentes. A biblioteca comunitária chega para desconstruir essa ideia, chega para aproximar as pessoas daquele mundo.



Quando uma biblioteca chega a uma comunidade, ela precisa de estratégias para se aproximar das pessoas. O acolhimento, a afetividade e a conexão com a cultura local são as principais estratégias que as bibliotecas utilizam. “Essas pessoas que já vêm de uma vida tão sofrida, de uma vulnerabilidade extrema, acho que o mínimo que uma biblioteca comunitária tem que ter é esse espaço acolhedor, é esse espaço onde a pessoa entra e se sente como se fosse casa da mãe, casa da avó, que dê vontade de ela voltar. Um atendimento agradável e, principalmente, que estimule a pessoa a voltar em busca do conhecimento”, diz Angela.

Realizar eventos culturais é muitas vezes uma maneira de trazer a comunidade para perto e dar visibilidade ao que acontece na biblioteca.

É fundamental que o acervo também dialogue com as necessidades e com a realidade local. “A gente pergunta para as pessoas o tipo de leitura de que elas gostam, porque algum tempo atrás, talvez alguns anos atrás, as pessoas das comunidades não se viam dentro de uma biblioteca, como não se viam dentro de um teatro, dentro de um cinema. Elas achavam que ali não era espaço apropriado para elas.”

Se a comunidade não vai à biblioteca, a biblioteca vai até a comunidade. É

assim que a biblioteca da Unas atua. Visitas domiciliares são parte da rotina da equipe, que leva livros, conversa e apoio; assim a biblioteca fortalece o vínculo e encoraja as pessoas a chegarem. “Uma biblioteca não existe se não atender pessoas, ela precisa de pessoas, os livros precisam ser manuseados, eles precisam ser degustados.” A estratégia aparentemente funciona, a biblioteca recebe em média trezentas pessoas por mês.

A biblioteca é uma janela para o mundo

“Não, mas não precisamos de bibliotecas aqui no Paiaiá, nós precisamos de fábrica!”, disse uma moradora do povoado. Uma comunidade privada de tudo muitas vezes não consegue ver a biblioteca como uma prioridade. As necessidades objetivas, palpáveis parecem mais urgentes.

Mas as bibliotecas têm também um objetivo importante: ampliar os horizontes, trazer referências e histórias do mundo todo. Nas comunidades, já apartadas de todos os direitos e recursos, esse objetivo se torna ainda mais importante. “Durante a assembleia para criação da biblioteca de Heliópolis, perguntei aos presentes porque era importante ter uma biblioteca ali. Uma liderança local tomou a palavra e disse: olha, Castilho, o que a gente quer é o seguinte, a nossa

comunidade é cercada por tudo, de coisas boas e coisas ruins, e, entre as coisas ruins, a perda da vida dos nossos filhos, que caem pro tráfico, que caem nas mãos dos bandidos, às vezes, até na mão de polícia. É porque eles não veem outras saídas, eles não veem outros horizontes, a gente se esforça, tenta, mas os horizontes são difíceis de ver daqui, então, o que a gente quer é uma biblioteca que mostre pelas janelas dos livros aquilo que eles podem ver fora daqui.”

Ao mesmo tempo que a biblioteca é uma janela para o mundo, ela também pode ser um espelho, que traz, por meio da literatura, a realidade vivida, para que aquela comunidade se enxergue nos livros, veja semelhanças e se sinta representada. “[...] motivo de a gente priorizar a literatura periférica, a literatura de mulheres negras, porque essa literatura que vai trazer esse jovem para dentro da biblioteca, essa literatura em que esse jovem vai se sentir representado quando ele abre, é um livro do Ferréz, ele se vê lá dentro, vê que aquilo tem a ver com a vida que ele vive na sua casa, no seu cotidiano, no seu trabalho.” Se ver representado nos livros também é transformador e potente.

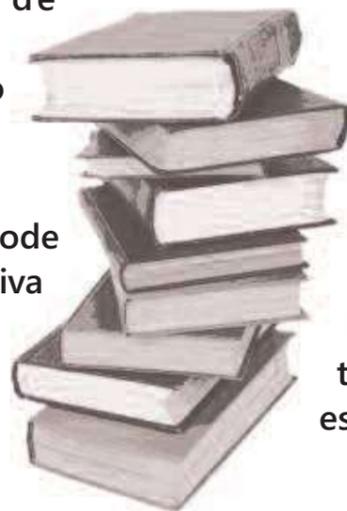
Quando você busca na internet o nome do povoado São José do Paiaiá, a biblioteca aparece como uma grande referência. Mesmo que a comunidade não ofereça muitas oportunidades, a biblioteca é motivo de orgulho para os jovens.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra

Uma biblioteca comunitária, diferente de uma biblioteca convencional, tem espaço para as demandas que vêm da comunidade. E se engana quem acha que as atividades da biblioteca se resumem à leitura: “A gente usa as linguagens artísticas porque toda linguagem artística passa primeiro pela literatura, então a gente trabalha o teatro, a gente trabalha dança, trabalha a musicalização, que nem nós estamos fazendo agora, trabalhamos a contação de história, e a gente transforma todo esse evento, todo esse evento num grande evento literário. E com isso a gente consegue manter esse público frequentando essa biblioteca”.

Além disso, a biblioteca pode servir para apoiar a comunidade em outras questões: durante a pandemia, por exemplo, a biblioteca de Heliópolis não fechou. Permaneceu aberta e foi um ponto de distribuição de cestas básicas, máscaras e álcool. Além disso, continuou emprestando livros para oferecer lazer para as pessoas em momento tão desafiador.

Ao visitar a biblioteca de Heliópolis, você pode encontrar um brechó ou alguma outra iniciativa de geração de renda. “A biblioteca também é o espaço da economia solidária, é um espaço onde, por falta, por ausência do poder



público, ela tenta de várias formas se autossustentar e também gerar trabalho e renda para quem está nessa biblioteca, para quem trabalha com a gente aqui.”

A biblioteca e a escola

Em muitos lugares, a escola é única representação do poder público que existe. Quando a biblioteca chega, conecta-se a esses espaços com bastante potência. Desse modo proporciona um intercâmbio: ao mesmo tempo que ela precisa da escola (afinal as crianças e jovens estão lá diariamente), a escola (ainda mais as rurais) têm na biblioteca um mundo infinito de possibilidades para apoiar o processo educativo.

“As crianças da escola, assim que chegavam lá no recreio, saíam correndo todas para a biblioteca, ficavam lá lendo, passavam sem intervalo, esqueciam a merenda, passavam o intervalo na biblioteca. Hoje, não.

Elas não estão mais na biblioteca, porque a escola não existe mais lá naquele territóriozinho. A escola está na sede do município, são dez quilômetros de distância, os alunos vão de ônibus, no intervalo não saem da escola, não vão à biblioteca do município porque ela não existe, a biblioteca do município não existe, funcionando mesmo, embora até o nome nobre, biblioteca Machado de Assis, mas leitores não tem. Então, nós perdemos com a saída dessa escola”, conta Alagoinha.

As bibliotecas e as universidades

As relações entre as bibliotecas representadas na mesa e as universidades parecem melhores na teoria do que na prática. Apesar de muita potência, as relações são pontuais, e as bibliotecas acabam sendo mais objeto de pesquisa do que parceiras. “Aqui em São Paulo, eu acho interessante alguns momentos, algumas faculdades, por exemplo como a USP, e ela tem um curso de biblioteconomia, eu acho interessante que sempre na semana de biblioteconomia eles convidam, tentam convidar a gente, as pessoas que tocam essa biblioteca comunitária, para participar de mesas, para falar como é a questão da biblioteca dentro da comunidade.”

No Paiaíá, Alagoinha aponta que as parcerias com as universidades públicas têm trazido bons resultados, no entanto, em termos de recursos, as universidades não conseguem contribuir (afinal também têm lidado com a escassez de recursos). “Professores vão visitar, cerca de cem quilômetros entre Alagoinhas e a biblioteca do Paiaíá, e a gente também faz alguns debates, quando tem eventos, eventos maiores, o pessoal de Alagoinhas e Feira de Santana, de Sergipe está presente, das universidades públicas.” A saída tem sido buscar editais para financiar as atividades. “Agora com Aldir Blanc tivemos um edital lá, ganhamos o edital e fizemos um trabalho muito bonito, foi um trabalho de formação de leitores e de leitura e escrita.”

O livro digital e o futuro do livro e da biblioteca

Com a chegada do livro digital, todos que atuam com leitura se perguntam qual será o futuro dos livros e das bibliotecas. Quando os convidados abordaram essa questão, ficou claro que esse é um caminho sem volta. Mas, ao mesmo tempo, não necessariamente se opõe ao livro físico e menos ainda ao espaço da biblioteca. Ainda mais considerando que a biblioteca comunitária é um espaço vivo e permeado o tempo todo pelas transformações da comunidade.

“O espaço digital, acho que está vindo aí, ajuda muito, contribui também para as pessoas, é uma ferramenta incrível, acho que a gente precisa se apropriar dessa ferramenta, mas, como coordenadora de biblioteca, eu não temo pelos nossos livros, que eu vou mostrar aqui para vocês – eu não temo por esse, eu não temo por esse. Eu acho que sempre, sempre, enquanto houver um ser humano na terra, vai existir um leitor.”

Apesar do otimismo, às vezes o futuro assusta: “De vez em quando me dá uma tremedeira, eu fico na cama pensando como será que vai ser a biblioteca do Paiaíá, o que é que vai ser, o que é que ela vai terminar sendo, um museu de livro do Sertão, será?”

A mesa completa pode ser acessada pelo link:

<https://www.youtube.com/watch?v=1QSC91VwzOs>



Escola como espaço cultural

Mesa 5



Ivan Russeff

MEDIAÇÃO

Doutor em Educação,
professor e assessor
pedagógico da FESPSP.



Maria Vilani

CONVIDADA

Educadora, escritora,
filósofa, ativista cultural e
fundadora do CapsArtes, no
Grajaú.



Cacau Ras

CONVIDADO

Educador, radialista,
jornalista, produtor
audiovisual e criador da
primeira Radioescola de SP.

Sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos [...] abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.

Paulo Freire

Há um fervoroso debate nas Ciências Sociais, especialmente na Antropologia, sobre a noção de cultura. A palavra cultura vem do termo latim *colere*, que significa cuidar, cultivar e crescer. Neste texto, utilizo a palavra cultura como forma de designar o modo de vida de um determinado grupo social; no caso, o das periferias de São Paulo. O mesmo ocorre com o termo “periferia”, que pode se restringir a uma designação geográfica em relação a um centro ou a um conjunto de produções e formas de vida amplas. No caso das culturas urbanas das periferias, em especial na cidade de São Paulo, ela abarca expressões estéticas diversas que vão de uma simples roda de samba a murais gigantescos de *grafiti*. Seja como for, a escola, um equipamento público que viveu intensa massificação nos últimos cinquenta anos, é um local recorrente das manifestações estéticas de comunidades periféricas. É disso que irei tratar aqui.

A quinta mesa realizada no seminário Estéticas das Periferias de 2021 teve como título “Escola como espaço cultural”. Tivemos o prazer de receber, como

mediador, o professor Ivan Russeff, que esteve junto com os convidados(as) Maria Vilani e Cacau Ras. Neste texto faço um relato da conversa a fim de registrar esse importante encontro e contribuir para o debate sobre educação e cultura nas periferias. Ivan é professor aposentado da rede pública de ensino do estado de São Paulo e parte do corpo docente da Sociologia e Política. Maria Vilani é poeta, professora aposentada da rede estadual e curadora do Centro de Arte e Promoção Social do Grajaú. E Cacau Ras é cineasta, gestor da Casa de Cultura e professor.

Foi a partir da vasta experiência com educação e cultura dos participantes que a conversa ganhou contorno. É importante ressaltar que o debate sobre a importância da escola como espaço cultural não é recente, mas ainda enfrenta muitos desafios, e por isso a sua relevância. Diante do momento atual no Brasil, com ataques diretos à educação nos últimos anos, combinados com a pandemia, o fazer da escola precisa mais do que nunca ser (re)pensado, (re)discutido por educadores, ativistas, pais, estudantes e toda a comunidade que orbita em torno do espaço escolar entendido como território de aprendizagem coletiva que extrapola, em muito, as paredes da sala de aula e os muros da própria instituição.

1. As minhas mais sinceras desculpas a Ivan, Vilani e Cacau, pois ao transformar as falas em texto foi necessário selecionar trechos, o que implicou perda de conteúdo; certamente a conversa completa é muito mais interessante do que pude relatar.

Nessa conversa, Maria Vilani e Cacau Ras, duas figuras atuantes na área de cultura nas periferias de São Paulo, contaram como veem o entrelaçamento entre educação e cultura, os progressos e desafios que estão postos para todos nós. Os *slams*, *saraus*, batalhas, coletivos, encontros de *hip-hop*, rinhas de MCs, entre outros eventos muito presentes nas periferias de São Paulo, são apresentados como espaços de resistência da juventude e que devem dialogar com os currículos escolares, pois são parte da vida da comunidade escolar e possuem um grande potencial de mobilização dos estudantes nos bairros. Os dois convidados reforçaram que, mesmo diante de todos os preconceitos e marginalização de muitos desses espaços, esses movimentos têm resistido e são pulsantes nas periferias. Nesse sentido, é importante que a escola acolha essas manifestações culturais e faça delas momentos, também, de troca e aprendizagem. Conforme afirma Vilani, “Falando da escola da minha periferia, eu estou muito otimista. As ondas dos *saraus* têm ocupado muitos espaços, para além da pandemia. Vejo professores e alunos frequentando *saraus*, isso que acontece fora da escola reverbera na escola”.

A partir de diversas experiências pessoais e de um trabalho ao longo dos anos na escola e com cultura no Grajaú,

Maria Vilani contou um pouco da sua trajetória. Ela não estudou durante sua infância, foi para a escola junto com um dos seus filhos, aos 40 anos, tinha como sonho conquistar seu diploma de escolaridade completa. No entanto, mais do que a certificação formal, relata que a escola foi um espaço de muitas trocas de conhecimentos, para além dos aprendizados escolares requeridos para a aquisição da sonhada formatura.

“Eu acredito que o grande nó é este: como conciliar todos os saberes sem ressaltar, deixar um maior do que o outro? Porque cada criança que há dentro da escola, cada adolescente, cada jovem, cada adulto periférico – no meu caso, que entrei aos 40 anos para fazer o ensino médio –, eu fico pensando de quanto conhecimento existe ali, e que a gente poderia fazer uma soma e não simplesmente ignorar esses conhecimentos. Como poderíamos fazer para trabalhar as crenças de cada um sem o preconceito, sem o pré-conceito?”

Cacau, por sua vez, foi o primeiro da sua família a concluir o ensino superior. Por intermédio de uma pessoa que conheceu na escola, envolveu-se com a área de cultura, criou a primeira rádio

escolar de São Paulo em 1992 e, após isso, iniciou a sua trajetória no audiovisual. Para ele, terminar a graduação foi muito importante, mas mais importante que isso é trazer para o lugar de onde veio, periferia de São Paulo, a possibilidade de outros jovens se envolverem com a escola, arte e cultura para trilharem caminhos diferentes dos comumente destinados aos jovens dessas regiões da cidade.

No início da conversa, Ivan declamou um poema de Maria Vilani, “Cabra do Nordeste”, que norteou o bate-papo. O cabra do Nordeste traz em seus versos os dois principais campos de força dessa conversa, a educação formal, oferecida pelas escolas, e a educação informal, feita das experiências dos sujeitos que ocupam aquele espaço. Abaixo um trecho selecionado:

Ferramenta são as mãos
Profissão, não tem
Topa tudo, faz de tudo
Não sabe nem ler...

Mas não tem medo
A única coisa que o deixa acanhado
É o doutor de anel no dedo.

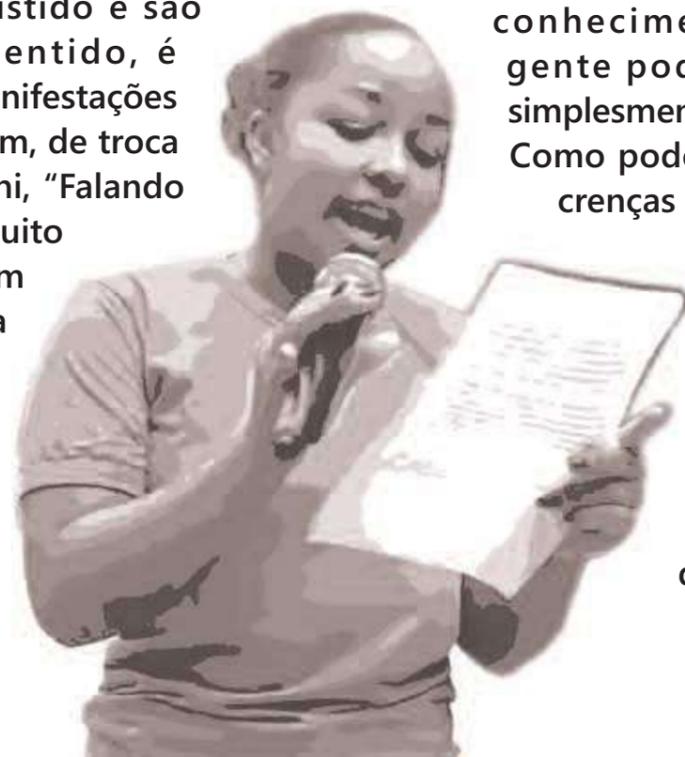
Pois esse só serve para
Humilhar o pobre coitado.

Só que ele não sabe
Que o verdadeiro coitado é ele

Conforme ressaltado por Russef, embora o cabra não saiba ler, as suas experiências implicam saberes, crenças, práticas; o cabra não é destituído de conhecimento. Por outro lado, temos a cultura letrada, a escola que ensina a educação formal aos alunos, e esta não pode deixar de lado os saberes informais, para evitar, conforme diz Lima Barreto, que o anel seja o símbolo infeliz da dominação de classe.

Para Ivan, o poema traz a questão fundante da proposta da mesa: “Como a escola pode conciliar os saberes? Como a escola pode fazer esse imbricamento de conhecimentos? Ela que tem, sistematicamente, tirado do seu currículo os saberes da experiência. Como conciliar esses dois universos, da cultura letrada e da cultura da experiência?”, se é que não são parte de um único universo.

A experiência dos convidados nos ajuda a refletir como a escola pode ser um espaço de troca agregador, permitindo que os sujeitos sejam agentes transformadores. Para Cacau, há, por parte dos agentes culturais atuantes nas periferias, como ele, um enorme interesse em se aproximar das escolas, mas ainda existem muitos empecilhos, desde dificuldade de organizar uma agenda conjunta com a Secretaria de Educação à resistência de educadores à cultura periférica. Dessa forma, unir esses dois campos torna-se uma tarefa de militância, no sentido de luta para



aqueles que acreditam nesse imbricamento. Como afirma Ivan: “[...] os currículos, na medida em que se enriqueçam com saberes informais, eles vão ter mais plenas possibilidades e processar essa atitude que é verdadeiramente revolucionária. E gostaria também de adiantar, a partir dessa epígrafe, que nós precisamos junto com as nossas reflexões ter a nossa prática dirigida, portanto, para todos os que podem entrar na escola. Nós temos que ter uma ação democrática na recepção daqueles que precisam, que necessitam, da escola como formação, tanto a formação letrada como a formação chamada da experiência”.

Para Vilani, uma das saídas possíveis para expandir a luta por escolas progressistas e que valorizem a cultura de periferia são fóruns independentes de organizações governamentais de educadores, nos quais sejam feitos registros das experiências, especialmente das periferias, permitindo a troca entre esses agentes e o avanço do debate. Nesse sentido, o registro dessa conversa vem ao encontro do que Vilani propõe, registrar o que tem sido feito nesse campo.

De forma provocativa, Ivan pergunta aos convidados como a cultura dos “esfarrapados” tem adentrado as escolas e tornado-as menos conservadoras. “Quero saber, de vocês, de que maneira outras manifestações da cultura, como a religião, a culinária, o esporte, o lazer, a organização política, de que maneira esse substrato

rico da cultura popular, secularmente marginalizado, pode nos ajudar a dar uma dinamizada nessa escola, que muitas vezes é tacanha e conservadora?”

Cacau argumenta que é preciso ouvir os estudantes e a comunidade escolar, que essa é uma maneira de envolver todos, deixando que participem do processo de construção da escola, para que sejam parte desse espaço. A imposição de atividades ou de uma escola em que o estudante não participa da construção de suas programações extraclasse já não tem espaço nas periferias; mesmo que os educadores avaliem e escolham atividades que suponham que sejam interessantes, é preciso exercer a troca de saberes.

“Os educadores precisam atentar para isso, não se pode achar que a escola deve criar ações, atividades e ignorar o que os jovens já estão fazendo. Os *slams* podem ser uma forma de os alunos lerem, eles têm se conectado com a história a partir das batalhas, as temáticas vão desde Paulo Freire a questões atuais do nosso país. É preciso atentar para a resistência dos adolescentes, como eles se comunicam, quais as formas para atrair esses alunos.”

Vilani responde à provocação citando os *slams*, coletivos, saraus e outras manifestações que têm reverberado nas escolas, conforme dito anteriormente, e que isso tem sido uma experiência muito rica. Ela conta uma experiência que teve com dois estudantes que foram

até a sua sala e declamaram poesias por quarenta minutos no CapsArtes e hoje são grandes artistas.

“Eu, antes de aposentar, uns dois, três anos antes, eu fui procurada por dois meninos, dois adolescentes, que uma professora do curso noturno pediu para que falassem comigo. Eu tinha um trabalho de escuta na escola, num período na última salinha, em que estavam os alunos e eles entravam um por um, e eu pedi para entrar um e depois o outro, e eles falaram, ‘não a gente quer entrar juntos’. Eu falei: ‘Ah, então vamos conversar’. E eu achava que eles iam me trazer um grande problema, porque eu estava ali para isso, e esse, esses meninos leram poesia para mim por quarenta minutos. Eles queriam ler poesia, aí na época a gente tinha no CapsArtes um café filosófico e uma roda de poesia, e eu ainda fui muito feliz quando falei para esses meninos frequentarem a roda de poesia primeiro, porque eu achei naquele momento que o café filosófico seria algo que eles deveriam ir depois, para ir se adaptando. Gente, eu me enganei redondamente, esses meninos foram direto para o café filosófico, fizeram o maior sucesso com a poesia deles no café, e eu vou falar o nome deles, são grandes artistas hoje, né?, que são o Luiz Semblantes e o Márcio Ricardo.”

Além dos estudantes, há também os professores que têm ocupado esses espaços e estão engajados na



luta por uma escola mais democrática: “Os professores estão comprando a briga. Estão se fazendo presentes e deixando os jovens serem protagonistas, essa construção em conjunto, coletiva – que tem muito a crescer”.

Cacau concorda com Vilani que esses espaços discutem questões que deveriam ser abordadas na escola de forma mais cativante, afirmando que os estudantes aprendem história, geografia, sociologia por meio da arte.

Ivan pergunta aos convidados de que forma o trabalho deles é importante para transformar a escola, citando a produção de Cacau Ras, *O Foco do Caos*, uma experiência audiovisual de registro da vida cotidiana em Guaianazes, e a experiência de educação de rua, o *Circo*, de Maria Vilani.

Vilani conta duas histórias que vivenciou em seu tempo de professora, a primeira quando propôs um “filosofar do cordel” e a segunda, uma atividade em que os alunos cantariam um dos seus poemas por meio do *hip-hop*. As duas ideias foram barradas pela diretoria da escola por preconceito dos educadores. Mesmo com a resistência de colegas, Vilani acredita que é preciso “comer os espaços pelas beiradas”, aos poucos, e que durante toda a sua trajetória como professora foi dessa maneira que conseguiu modificar as escolas por onde passou.

O circo é mais uma das suas empreitadas na área da cultura, uma história divertida e que traz fôlego para encarar os retrocessos que temos vivido na educação. Vilani montou um circo com seus filhos, “a turma da Charel”. Eles se apresentavam nas ruas, centros culturais e escolas.

“Apresentava nos centros culturais, e, assim, era o amor à arte. A gente fazia assim: ‘Quanto é que você ganha por isso?’ Eu falei ‘Eu ganho a minha felicidade e a felicidade dos meus filhos’.”

Cacau contou da sua produção do *Foco do caos*. Ele já trabalhava com audiovisual e recebeu o pedido de um amigo, que estava indignado com o que vivia diariamente em Guaianazes, para que ele gravasse aquele lugar. Cacau fez o registro do cotidiano das pessoas em Guaianazes, do córrego que passa na frente da estação, do trem lotado, do amanhecer atrás da estação, da falta de saneamento, da igreja. Esses registros são uma maneira de mostrar esse lugar para aqueles que não o conhecem ou para aqueles que por hábito já não se chocam.

Comentários Finais

Mesmo em tempos “bicudos”, como colocado pelo professor Ivan, a mesa encerra com tom otimista. Como disse Vilani, “o imbricamento entre educação e cultura se dá devagarzinho, comendo pelas beiradas”, e é isso

que vimos aqui. Dois convidados que têm feito esse imbricamento, com projetos como o *Circo*, *Foco do Caos*, café filosófico, roda de poesia, Casa de Cultura, CapsArtes do Grajaú, poesia, audiovisual e tantas outras ideias e projetos.

Com um olhar atento, os convidados ressaltam a importância da troca, da construção do conhecimento e da valorização dos saberes informais. A escola continua sendo importante, sobretudo nas periferias, onde o número de alunos que concluíram o ensino superior ainda é baixo e, como afirma Cacau, tem muito a crescer. É preciso que os estudantes sejam inspirados pela escola e não sufocados por um modelo rígido e pouco atrativo.

Ivan lembra a ocupação das escolas públicas realizadas pelos secundaristas em 2015-2016, impedindo que o governo de São Paulo fizesse a chamada reorganização das escolas, e o quanto essas ocupações foram revigorantes para o debate sobre a importância da escola pública e a escola que se quer, que os estudantes desejam. Para encerrar, trago um poema de Vilani citado no final da sua fala.

“O poema é um instrumento com o qual o poeta pode espargir a poesia que habita em si e além de si. Em tudo há poesia, na beleza das flores, nas ações das pessoas e até nas intempéries da vida. O cotidiano e seus percalços impedem-nos de sentir e admirar a

poesia em tudo que há. O poeta é necessário, pois, ao abstrair os percalços da vida, capta e desvela a poesia. O fenômeno, saraus poéticos, que invade a periferia é sinônimo do desejo do distanciamento daquilo que nos priva do direito à interiorização e à harmonização do ser. O ser humano é humano em qualquer instância, nos centros, nas bordas e nas pontas. Nas bordas e nas pontas há uma tendência à brutalização do ser, via negação ou dificuldade do acesso aos meios de cultura. Os saraus poéticos são resultado de lutas endormidas pelo direito de ser humano.”

A conversa expõe experiências que nos trazem caminhos possíveis para o entrelaçamento entre educação e cultura, entre tantas possibilidades que temos de ultrapassar os muros das escolas junto à comunidade escolar. Esse registro é um esforço do Estéticas das Periferias de discutir e reunir essas experiências na luta por escolas mais transformadoras.

A mesa completa pode ser acessada pelo link:

<https://www.youtube.com/watch?v=I257pIIBZkg>



**“Eu odeio explicar gíria”:
sintaxe periférica e a norma culta**

Mesa 6



Eliana Asche

MEDIAÇÃO

Doutora em Educação e professora docente de literatura da FESPSP.

Marcos Araújo Bagno

CONVIDADO

Doutor em Filologia, linguista e escritor. Professor da Universidade de Brasília (UnB).

Ferréz

CONVIDADO

Romancista, contista, poeta e empreendedor. Ícone da "Literatura Marginal".

Encontro de duas frases, dois acordes dissonantes e uma canção

Esta mesa propiciou o encontro de duas leituras da palavra, uma analítica, acadêmica e sistemática, mas também curiosa, apresentada pelo filólogo, linguista e poeta Marcos Bagno, docente e pesquisador da Universidade de Brasília. A outra intuitiva, subjetiva, perceptiva e claramente ativista e pragmática, vocalizada por Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido como Ferréz, o romancista, contista, poeta e produtor cultural nas quebradas.

Ambos com itinerários formativos e experiências diversas, com significativa produção bibliográfica com obras referenciais que mudaram a percepção da fala, da língua e seus usos políticos e estéticos. Radicais, cada um no seu quadrado, seja na reflexão ou no uso da língua brasileira, uma versão dinâmica e viva da língua portuguesa estabelecida dentro da norma "cult".

Suas obras radicais, como *Preconceito Linguístico* (1999), de Marcos Bagno, ou *Capão Pecado* (2001), de Ferréz, não esgotaram a rebeldia desses dois pensadores do nosso tempo. A radicalidade persiste e continua viva em suas reflexões e atitudes.

Bagno inicia a sua intervenção na mesa compartilhando a motivação e a atualização do seu pensamento em relação ao seu livro *Preconceito Linguístico*, uma obra que tentava mostrar a ideologia que circula na sociedade brasileira em torno do conceito de língua certa, norma culta e falar errado, entre outras certezas linguísticas. E, a partir dessas reflexões, ele passou a dizer que o preconceito linguístico é o julgamento negativo lançado sobre qualquer pessoa que não fale segundo aquelas regras codificadas nas gramáticas normativas.

Com o passar do tempo e refletindo mais sobre o tema, ele aperfeiçoou a noção de preconceito linguístico e aprofundou o conceito, percebendo que o preconceito linguístico é uma forma de preconceito social. A língua serve como mais um critério para a exclusão das pessoas que já são marginalizadas por serem de baixa renda, por terem pouca ou nenhuma educação formal, por ocuparem funções mais desprestigiadas. Mas, afinal, quem são as pessoas de renda mais baixa, que têm pouca ou nenhuma educação formal e ocupam as funções mais desprestigiadas da sociedade? São pessoas negras, claro.

Para ele, o Brasil e a sociedade brasileira só funcionam porque têm como eixo central um racismo estruturante e estruturado, portanto o racismo não podia estar ausente do campo dos estudos linguísticos.



Eu tenho trabalhado já há algum tempo com a questão da discriminação social por meio da linguagem, e eu tenho pesquisado muito, lido muito, sobre de que maneira a gente pode relacionar essa discriminação pela linguagem ao racismo, esse racismo que é tão impregnado na nossa cultura, na nossa sociedade. Nós sabemos que o racismo estruturante, sistêmico, sistemático é a verdadeira espinha dorsal da formação da sociedade brasileira, e desse racismo depende o funcionamento desta sociedade.

A partir de então, ele tem defendido que o preconceito linguístico é no fundo, e de fato, um racismo linguístico. É uma forma de violência simbólica que se junta a todas as múltiplas formas de violência exercidas contra a população negra, incluindo evidentemente o genocídio sistemático praticado pelo Estado contra essa população, particularmente o genocídio dos jovens negros.

Bagno finaliza a sua exposição afirmando que as falas da periferia são as vozes da imensa maioria da população brasileira, são elas o verdadeiro português brasileiro, ou o “pretoguês”, com o definiu Lélia Gonzalez. Essa língua é resistência, é combate e também é arte, conclui o filólogo.

Essa foi a deixa para a voz das quebradas se manifestar a partir da história, experiência e vivência de Ferréz, apontado como legítimo representante da literatura marginal, que, como um ativista pragmático, expõe sua jornada e itinerários que explicam seu pensamento, sua

formação, sua arte e sua resistência à exclusão linguística provocada pelos defensores da língua portuguesa pura, limpinha e branca.

Boa noite a todos. Meu nome é Ferréz, eu sou autor de quatro romances. O quarto está sendo lançado amanhã, depois de oito anos sem lançar um romance. Também lancei alguns livros infantis e alguns livros de contos e crônicas. Fui colunista da Caros Amigos durante dez anos, sou criador de uma marca de Periferia que traz uma identidade própria, uma estética própria.

Ele lançou a sua marca de roupas há 22 anos junto com seu primeiro livro, *Fortaleza da desilusão* (1997), porque queria estampar a capa na camiseta, inspirado em um mix da cultura hip-hop e da cultura punk, em que efetivamente iniciou a sua jornada.

Ferréz já fazia arte nas quebradas, fazia saraus antes de se chamarem saraus, criava poesia em meio às guitarras e baterias. Procurava um espaço para mostrar a sua produção e buscava um público. Participou do primeiro encontro do Binho, do sarau do Binho, e então pôde ter um público, porque até então ficava procurando seu público de periferias em eventos políticos ou shows de rap, onde pedia espaço para falar e recitar seus textos, mostrar a sua arte.

Ele cresceu numa comunidade do Capão Redondo que tem 290 mil habitantes. Uma comunidade que não tem tantos recursos e onde tem tentado convencer os

moradores a ler o seu percurso enquanto escreve os livros. Livros que ele constrói com essas pessoas.

O escritor acredita que esse é o grande diferencial da sua literatura. Uma literatura que ele assumiu como Marginal, principalmente depois que a imprensa começou a utilizar o termo para denominá-lo, gostou porque era assim que autores como Lima Barreto e João Antônio, só para ficar em alguns exemplos, também eram chamados pela mídia.

Eles falavam esses caras aí são a dita Literatura Marginal. Eu vi um recorte de jornal, de 98 para 99, falando isso, e falei: bom, esse termo aí, eles estão falando de forma depreciativa e eu vou usar de forma positiva.

E desde então Ferréz vem construindo essa literatura nas quebradas, envolvendo muita gente do samba e do rap, conseguindo até a fusão dessas duas culturas. Mas, mesmo assim, enfrentando muita dificuldade até hoje. Ele desabafa:

Até hoje é, eu tô lançando livro amanhã e ninguém compartilhou o livro na quebrada. Sabe assim, os meus amigos de longe estão compartilhando, o cara na Europa tá compartilhando, e aqui dentro os caras do rap, que eu apoio, participo de vídeos e gravação de CDs, até agora não falaram sobre o lançamento do meu livro.

A literatura, mesmo a de um autor da periferia, não é valorizada por muita gente das quebradas, é preciso muito empenho e energia, e mesmo assim não é reconhecida.

O poeta já foi preso por causa de um texto que escreveu. Ele acredita que, se fosse um escritor da Vila Madalena, não teria sido preso, pois do seu lugar de fala, e lugar no sentido geográfico literalmente, que é do Capão Redondo, ninguém é respeitado.

Questionado se ele se considerava um escritor maldito que faz literatura marginal, Ferréz contou que foi preso porque seu texto publicado no jornal *Folha de S.Paulo*, segundo o Ministério Público, fazia apologia ao crime, ele tem passagem por causa disso e a partir dessa acusação teve muitas dificuldades para mostrar o seu trabalho.

Creio que, no mesmo dia que eu fui preso por um texto por apologia ao crime, estreou nos cinemas Fique rico ou morra tentando. Então é curioso, esse título é mais forte do que o texto que eu escrevi. Mas o lugar de fala do cara era outro, né? Também tive livros retirados das livrarias, como Os ricos também morrem, que foi retirado porque as livrarias não aceitaram ter um livro com esse título. Teve professores de Salvador e Minas Gerais que perderam o emprego por darem aula com Capão Pecado. Então devo ser maldito, né?

Ele se ressentiu de ser publicado e respeitado em tantos países e ignorado no próprio país. Dá como exemplo a Argentina: grande parte das livrarias portenhas comercializa todas as suas obras, e, aqui no Brasil, *Capão Pecado* só começou a circular em livrarias grandes em 2021. Só depois de vinte anos ele foi

relançado, depois de ser relançado na Argentina. Para ele, isso reforça a condição de ser um autor maldito.

O preconceito linguístico, no caso de Ferréz, se manifesta não só pelo desafio e afronta que ele perpetua por meio da palavra, mas na sua própria condição de excluído por sua origem, estrato social e conteúdo da sua arte. Ele não é um privilegiado, morador branco de um bairro nobre; ele é um periférico que ousa vocalizar com sua língua brasileira textos que não só esteticamente são ofensivos, mas ideologicamente perigosos para a normatização europeia.

Assim, a mesa “‘Eu odeio explicar gíria’: sintaxe periférica e a norma culta” conseguiu atingir seus objetivos e reunir duas experiências intelectuais e criativas com frases distintas, aparentemente dissonantes, mas que possibilitaram uma “canção” harmoniosa com reflexões sobre como a língua brasileira contém não só a nossa cultura e história, mas as lutas e resistências dos que são constantemente invisibilizados e perseguidos.



Nesse sentido o Seminário Estéticas das Periferias – Educação e Cultura: uma relação que se efetiva no território, organizado e realizado pela Ação Educativa, Sesc e Sociologia e Política – Escola de Humanidades, foi exitoso em debater e refletir como a educação e cultura convergem e se sobrepõem no cotidiano dos territórios, e apresentou algumas formas como a sociedade e, em particular, as periferias se apropriam e desenvolvem soluções próprias para acessarem e criarem cultura e educação.

A mesa completa pode ser acessada pelo link:
https://www.youtube.com/watch?v=H_Vrhfh5vTU



Apresentação

Antônio Eleilson Leite

Graduado em História pela USP com mestrado em Estudos Culturais pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da mesma universidade. É coordenador da Área Cultura da ONG Ação Educativa, da qual também é membro do Colegiado de Coordenação, onde concebeu e lidera projetos como a Agenda Cultural da Periferia, o Ponto de Cultura Periferia no Centro, Expograffiti e o Encontro Estéticas das Periferias. É colunista do site Outras Palavras, onde escreve sobre Literatura Periférica. Criou a Coleção Literatura Periférica na Global Editora. Organizou em 2013 o livro *Graffiti em SP – Tendências Contemporâneas* pela Aeroplano Editora e tem artigos em diversas publicações. Atua como consultor em gestão de projetos culturais e curador artístico em literatura e graffiti. Escreve o capítulo de cultura do relatório anual da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. Coordena cursos e oficinas em instituições como MASP, Fundação CSN, Casa das Rosas, Instituto Singularidades e no Sesc.

Telefone: 11 96343-0160 (celular)

E-mails: antonioeleilson@usp.br

eleilsonleite@hotmail.com

eleilson.leite@acaoeducativa.org

Facebook, Skype e Plataforma Lattes: Antonio Eleilson Leite

Repertório das Quebradas

Eliana Asche Cintra Ferreira

Doutora em Educação: História, Política e Sociedade. Ex-membro do Conselho Estadual de Educação (1997), chefe de gabinete da Secretaria Estadual de Educação. Diretora da Escola de Sociologia e Política (2002 a 2003). Atualmente é professora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Teoria da Literatura, Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes segmentos: educação e sociedade, políticas públicas em educação, didática do ensino superior, análise do discurso.

Mesa 1 - É tudo nosso! Pedagogias do Sarau e Slam

Renata Mourão Macedo

É doutora em Ciências Sociais (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo. Possui graduação em Ciências Sociais (2008) e mestrado em Antropologia Social (2013), ambos pela Universidade de São Paulo. É professora assistente do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP), professora no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da FCMSCSP e professora colaboradora na pós-graduação da Fundação Escola de Sociologia e Política (FESPSP). É pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Direitos Humanos e Saúde LGBT+ (Nudhes/FCMSCSP) e do Núcleo de Estudos sobre os Marcadores Sociais da Diferença (Numas/USP). Tem experiência na área de Antropologia e Sociologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: marcadores sociais da diferença, gênero, educação, saúde, estratificação social, desigualdades sociais. Entre 2020 e 2022, realizou pós-doutorado na Faculdade de Educação da USP sobre diversidade, gênero e sexualidade nas políticas educacionais (1980 a 2020).

Mesa 2 - Universidades Livres nas periferias

Sócrates Magno Torres

Educador, cientista social, coordenador do NIP – Núcleo de Inteligência Periférica, membro do Coletivo Paulo Freire, Educador do IPAD – Instituto de Pensamento e Ações em Defesa da Democracia. Atuou como coordenador de arte e educação de 11 unidades da Fundação CASA/SP. Corresponsável pela formação política da RNBC – Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias.

Mesa 3 - Aqui era tudo mato: Memória e Museologia Social nas periferias

Daniel Laerte Segetti Luchini e Valéria Valls

Daniel Laerte Segetti Luchini é graduando em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política (FESPSP), pesquisador no projeto de extensão Ação Vila Buarque e do NEU/LED (Núcleo de Etnografia Urbana/Laboratório de Etnografia Digital).

Valéria Valls possui doutorado e mestrado em Ciências da Comunicação e graduação em Biblioteconomia e Documentação pela ECA/USP, coordenadora acadêmica e docente do curso de graduação em Biblioteconomia e Docente de pós-graduação da área de Ciência da Informação da FESPSP (Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo). Conselheira do CFB – Conselho Federal de Biblioteconomia (19ª gestão 2022-2024). Membro do Conselho de Administração da SP Leituras – Associação Paulista de Bibliotecas.



Mesa 4 - A leitura do mundo e a leitura da palavra: Bibliotecas Comunitárias como espaços educativos

Marília Santini Frois

Marília Santini Fróis, graduada em Ciências Sociais pela PUC-SP e especialista em Gestão Cultural pelo Sesc/SP. Atua há 20 anos no terceiro setor, nas áreas de educação e cultura. Trabalhou em bibliotecas comunitárias da região amazônica por 6 anos. Atualmente é gestora de projetos na área de cultura da Ação Educativa, atuando em projetos como Estéticas das Periferias, Câmara Periférica do Livro, entre outros.



Mesa 5 - Escola como espaço cultural

Flávia Ayres Loschi

É doutoranda e mestre em Ciências Sociais (2018) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Possui pós-graduação *lato sensu* em Sociopsicologia (2016) e graduação em Sociologia e Política (2008) pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Desde 2014, coordena a área de Extensão Acadêmica da FESPSP, onde é responsável pelas atividades de Extensão Universitária e Cursos Livres. Tem se dedicado a pesquisar outros usos da etnografia, a etnografia corporativa, com foco nas multinacionais de pesquisa de mercado.



Mesa 6 - “Eu odeio explicar gíria”: sintaxe periférica e a norma culta

Eliana Asche Cintra Ferreira e Jorge Tateishi

Sobre Eliana Asche Cintra Ferreira, ver crédito do texto “Repertório das Quebradas” na página 69.

Jorge Tateishi é jornalista e graduado em Comunicação Social pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP. Atuou em mídias impressas, comunicação corporativa e atualmente se dedica a projetos de estratégias digitais, jornalismo de dados e conteúdos digitais na chave política cultural, educação, formação e processos inclusivos.





p. 12

Emol

Artista, arte-educador e produtor cultural. Formaliza seus trabalhos em murais, pinturas, desenhos, colagens e textos. Tem formação empírica em artes atuando em barracões e ateliês de escolas de samba de São Paulo (1996 a 2006), produzindo bandeiras e fachadas para torcida organizada de futebol (1996 a 2000) e integrando coletivos artísticos e ativistas de difusão e formação em hip-hop (2000 a 2009). Frequentou diversos cursos livres em arte contemporânea. Desde 2009 vive e trabalha de forma errante pelo Brasil, entre deslocamentos e residências temporárias. Em seu trabalho, Emol reflete sobre a espiritualidade que não se desvincula do corpo e as histórias que este revela: "Poetizo como quem cavuca a terra pra encontrar raízes e nesse gesto-processo lido com as questões estruturais que vou descobrindo. Interesso-me por ideias de interdependência e continuidade, creio numa espiritualidade como busca e expressão da consciência de si, onde o corpo físico-mental-espiritual está em permanente relação com o social-ambiental e com os mistérios que a razão não alcança". Mais em www.emol.art.br.

Imagem: Santo André/SP. 2019.



p. 16

Carolina Itzá

Artista visual, grafiteira e educadora, nasceu e vive em São Paulo, SP. Bacharel em Antropologia pela USP, é mestre em Artes Visuais pela UFES. Sua investigação aborda questões da memória social, identidades asiáticas do sul global, estratégias taoistas, corporalidades e gênero. Por meio de intervenções urbanas e comunitárias e no cruzo entre pintura, cerâmica e performance, tem construído sua poética buscando uma relação profunda com a vida cotidiana e suas fricções relacionais e territoriais.

Sobre a imagem: Encontro Cores Femininas. Bairro do Totó, Recife/PE. 2019.



p. 26

Bete Nobrega

Artista visual e designer gráfica, formada pela Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Mackenzie. Como artista urbana, vem utilizando técnicas de estêncil desde 2005 para realizar intervenções na cidade, a partir de ilustrações criadas com fotografias de personalidades e seus desenhos autorais (de influência afro) carregados de conteúdo simbólico, buscando criar movimento, mandalas e outras padronagens. Especialista em Arte Terapia/Terapias Expressivas pelo Instituto de Artes da Unesp. Desde 2008, realiza oficinas artísticas com crianças, jovens e adultos, visando desenvolver nos participantes o conhecimento de si mesmos, trabalhando questões como autoestima e conflitos internos por meio de obras de expressão artística. Idealizadora e coordenadora do projeto "Oficina de Arte Colaborativa Passarada", prêmio por Histórico de Realização em Artes Visuais, por meio da Lei de Incentivo à Cultura, Edital Proac Expresso Lei Aldir Blanc 51/2020.

Imagem: Centro Cultural da Ocupação São João. Centro histórico de São Paulo/SP. 2018.



p. 34

Dinas Miguel

Graduado em Artes Visuais e pós-graduado em Educação Ambiental. É idealizador e organizador do projeto social "Cultura e Conceito". Ganhador do Prêmio Sabotage de Hip-Hop categoria melhor grafiteiro de 2018. Realiza workshop de graffiti coletivo e Pinturas ao vivo em eventos, além de ter grande experiência como arte-educador realizando projetos em instituições educacionais e empresariais. Seus trabalhos podem ser apreciados em diferentes cidades e países mundo afora. Com sua poética artística arraigada na cultura brasileira, vem se plasmando e interagindo na construção artística e pessoal da sociedade, pois sua arte representa toda a história do seu povo e sua ancestralidade; tem como missão conectar e transformar as pessoas e os lugares por meio de suas Artes e Projetos.

Sobre a imagem: Bairro do Jaraguá, região noroeste de São Paulo/SP. 2017.



p. 42

Paulo Ito

Nasceu em São Paulo e começou a pintar em espaços públicos em 1997. Seu trabalho pode ser visto nas ruas da zona oeste da cidade. Expôs no MuBE na segunda Bienal Internacional de Graffiti de São Paulo em 2013. Um ano antes participou da mostra São Paulo Mon Amour também no MuBE. Em 2016, depois de pintar uma empena em São Paulo para o projeto Salve o Tapajós do Greenpeace, expôs na Segunda Bienal Internacional de Arte de Rua de Moscou. Participou em 2017 do festival Memorie Urbane em Gaeta na Itália, apresentando sua quarta exposição individual “Inconveniente”, na A7MA galeria. Em 2019 ganhou o prêmio principal da Fundação Bunge na categoria arte de rua e realizou a exposição individual Infame na A7mA galeria. Em 2020 pintou sua terceira empena no periférico bairro do Campo Limpo na zona sul de São Paulo.

Imagem: Bairro da Pompeia, zona oeste de São Paulo/SP. 2022.



p. 50

Soberana Ziza

Regina Elias da Costa (Soberana Ziza) nasceu em 1989, na cidade de São Paulo, atua desde 2006 expondo seus trabalhos em intervenções urbanas e galerias, em uma pesquisa estética sobre negritude e feminino numa abordagem afrofuturista. Em sua pesquisa mais recente se dedica a investigar o apagamento negro na cidade de São Paulo, ocupando e reivindicando as nossas histórias tendo a figura da mulher como condutora dessa nova história. A artista absorve os significados e histórias milenares transmitidas pelas estampas e padronagens presentes nos tecidos africanos, inserindo esses saberes em murais de arte urbana. Seu trabalho une história, ancestralidade e arte contemporânea na busca pelos caminhos trilhados por seus ancestrais, representando a atuação do povo negro em diferentes setores, como nas Artes, Engenharia e Medicina.

Imagem: Mural Baobá. Bairro do Limão, zona norte de São Paulo/SP. 2020.



p. 60

Difavela e Chellmí

Ederson Pereira dos Santos (Difavela) é artista visual, artesão, arte-educador, grafiteiro e xilogravurista da zona norte. Sua arte vem sendo construída a partir de um emaranhado de ações e efeitos na experimentação visual e urbana, em especial na criação de graffittis nas paredes de São Paulo e na experimentação com a xilogravura, onde representa a natureza e a negritude. Sozinho ou em coletivo, trabalha pelas relações que se instauram nos processos de invenção visual e produção artística a partir do seu cotidiano como homem negro e periférico.

Michell da Silva (Chellmí) possui graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo – USP. É pós-graduado em Artes Visuais, Intermeios e Educação no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. É grafiteiro e poeta, também é cofundador do Coletivo Cultural Poesia na Brasa – Sarau da Brasa, que desenvolve ações artístico-culturais na zona norte de São Paulo desde julho de 2008. Tem experiência nas áreas de Educação, Artes Visuais, Arte-Educação e Leitura e Escrita Criativa, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, poesia, cultura, artes visuais, educação, processos pedagógicos e saraus. Já ministrou cursos, oficinas e palestras em equipamentos culturais como Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso, Fábricas de Cultura, Centro Cultural São Paulo e em algumas bibliotecas do sistema municipal de bibliotecas de São Paulo.

Imagem: Lauzane Paulista, zona norte de São Paulo/SP. 2019.

Vera Masagão Ribeiro
Presidenta

Ana Lucia Silva Sousa
Diretora Secretária

Baby Amorim
Diretora Financeira

Maria Virgínea de Freitas
Coordenadora Geral

Edneia Gonçalves
Coordenadora Executiva

Roberto Catelli Jr.
Coordenador Executivo

Antônio Eleilson Leite
Coordenador da Área de Cultura

Conselho Superior da FESPSP

Ubiratan de Paula Santos
Presidente

Pedro Luiz Guerra
Vice-Presidente

Francisco Aparecido Cordão
Vice-Presidente

José Carlos Quintela de Carvalho
Vice-Presidente

Vicente Carlos Y Plá Trevas
Secretário

Aparecida Neri de Souza
Cláudio José de França e Silva
Amarilis Prado Sardemberg
José Castilho Marques Neto
Aluisio Almeida Schumacher
Juliana Scarcelli de Agostino
Rodolpho Gamberini Junior

Diretoria Executiva

Angelo Del Vecchio
Diretor Geral

Moisés da Silva Marques
Vice-Diretor Geral

Romeu Nami Garibe
Diretor Financeiro

Lais Cristina da Costa Manso Nabuco de Araújo
Secretária Geral



Seminário Estéticas das Periferias

Educação e Cultura: uma relação que se efetiva no território

Angelo Del Vecchio
Diretor-presidente

Éderson Ferreira Crispim
Secretário editorial

Jorge Nagle (*in memoriam*)

Lais Cristina da Costa Manso Nabuco
de Araújo

Moisés da Silva Marques

Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes
(*in memoriam*)

Rodrigo Estramano de Almeida

Romeu Nami Garibe

Waltercio Zanvetor
Comissão Editorial

*impresso em fonte Segoe UI, semibold e bold
sobre papel couchê
gráfica Maxprint
2022*

Produção:

Daniel Laerte Segetti Luchini (Espaço Cultural FESPSP)

Antônio Eleilson Leite (Ação Educativa)

Eliana Asche Cintra Ferreira (Espaço Cultural FESPSP)

Flávia Ayres Loschi (Espaço Cultural FESPSP)

Jorge Tateishi (Espaço Cultural FESPSP)

Marília Santini Frois (Ação Educativa)

Waltercio Zanvetor (Espaço Cultural FESPSP)

Texto de Introdução:

Antônio Eleilson Leite (Ação Educativa)

Texto Repertório das Quebradas:

Eliana Asche Cintra Ferreira (FESPSP)

Texto Mesa 1:

Renata Mourão Macedo (FESPSP)

Texto Mesa 2:

Sócrates Magno Torres (Núcleo de Inteligência Periférica – NIP)

Texto Mesa 3:

Daniel Laerte Segetti Luchini e Valéria Valls (FESPSP)

Texto Mesa 4:

Marília Santini Frois (Ação Educativa)

Texto Mesa 5:

Flávia Ayres Loschi (FESPSP)

Texto Mesa 6:

Eliana Asche Cintra Ferreira (FESPSP) e Jorge Tateishi

Decupagem e transcrição:

Eric Matheus Soares de Araújo

Marília de Souza Mota

Itamar Isaias Nahum Goldwaser

Edição, preparação e revisão gráfica:

Andrea Stahel Monteiro da Silva

Projeto gráfico, ilustrações digitais e diagramação:

Bete Nobrega

Coordenação Editorial: Jorge Tateishi



REVISÃO GRÁFICA

Andrea Stahel Monteiro da Silva

Formada em Ciências Sociais pela USP, fez curso de francês e há mais de trinta anos trabalha para várias editoras como tradutora, editora e revisora.